

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA LÚCIA VULFE NÖTZOLD

MAA - MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

Florianópolis – SC

2016

ANA LÚCIA VULFE NÖTZOLD

MAA - MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

Memorial de Atividades Acadêmicas correspondente ao período agosto de 1997 a julho de 2016 apresentado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a promoção da Carreira do Magistério Superior – Classe E - Titular de Carreira, de acordo com a Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, de 27 de maio de 2014

Florianópolis – SC

2016

Dedico ao Almir, companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

A maioria dos trabalhos descritos neste memorial foi realizada no LABHIN – Laboratório de História Indígena, situado no segundo andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no Departamento de História da UFSC. Sou uma das fundadora e coordenadora do LABHIN desde julho de 1999. Obrigada a todos que por aqui passaram e deixaram suas contribuições nestes 18 anos.

Ao Prof. Dr. Jacques Marcadè, por seu exemplo de ética e profissionalismo e pela sólida formação profissional proporcionada, permitindo o convívio científico com estudantes e pesquisadores na minha trajetória de pós-graduação, na Universidade de Poitiers (França);

Ao Prof. Dr. Almir Spinelli, incentivador, motivador e companheiro nas grandes aventuras;

Aos alunos e orientandos de graduação e de pós-graduação, que possibilitaram que eu continuasse sempre a estudar e a pesquisar;

Aos colegas do Departamento de História, que possibilitaram que eu conhecesse os diferentes tipos de convivência;

Aos Kaingang que confiaram na parceria estabelecida, foram e são grandes instigadores para novas pesquisas;

Aos integrantes da Banca Examinadora, que possibilitaram que eu me apresentasse;

Aos órgãos de fomento, que possibilitaram a execução dos projetos de pesquisa e extensão;

À Universidade Federal de Santa Catarina, que possibilitou que eu me expressasse.

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

IDENTIFICAÇÃO.....	08
APRESENTAÇÃO.....	09
FORMAÇÃO.....	09
Formação na Educação Básica.....	09
Formação Universitária – Graduação.....	11
Formação Universitária – Pós-graduação.....	12
Sonhos e Desafios.....	15
Atividades de desempenho acadêmico para a promoção da Carreira do Magistério Superior – Classe E - Titular de Carreira, de acordo com o Anexo I da Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, de 27 de maio de 2014.....	16
I – ATIVIDADES DE ENSINO E ORIENTAÇÃO.....	17
1. Criação de disciplinas de graduação – optativas.....	17
2. Ensino de graduação.....	18
3. Ensino de pós-graduação.....	25
4. Orientação de alunos de graduação.....	26
4.1.Trabalhos de conclusão de curso.....	26
4.2. Monitoria.....	29
4.3.Bolsistas do Observatório da Educação Escolar Indígena-OEEI e Observatório da Educação-OBEDUC.....	30
4.4.Estágio não obrigatório.....	31
4.5.Bolsistas de extensão.....	32
5. Orientação de alunos de pós-graduação.....	33
5.1. Mestrado.....	34
5.2. Doutorado.	35
II – ATIVIDADES DE PRODUÇÃO INTELECTUAL.....	37
1. Publicação de artigos em periódicos científicos.....	37
2. Publicação de livro.....	40
3. Organização de livros.....	41
4. Publicação de capítulos de livros.....	51
5. Publicação de trabalhos em anais de eventos científicos.....	52
6. Material didático.....	54
7. Jogos educativos.....	57

III – ATIVIDADES DE EXTENSÃO.....	60
1. Participação e organização de eventos e cursos.....	60
1.1. Atividades de extensão.....	60
1.1.1. Cursos professores indígenas.....	63
1.1.2. Cursos professores não indígenas.....	63
1.2. Estande na SEPEX.....	63
2. Iniciativas promotoras de inclusão social e promoção de políticas públicas.....	68
2.1. Atividades voluntárias na Secretaria de Educação de Santa Catarina-SED.....	68
2.2. Participação na CIESI.....	69
2.3. Coordenação PROLIND e Licenciatura Intercultural Indígena.....	69
2.4. Seminários Educação Superior.....	70
2.5. Delegada na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena.....	71
2.6. Organização e publicação das pesquisas dos TCCs dos orientandos da LII.....	72
IV a – COORDENAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO.....	73
IV b – LIDERANÇA DE GRUPOS DE PESQUISA.....	76
V – COORDENAÇÃO DE CURSOS OU PROGRAMAS DE GRADUAÇÃO OU PÓS-GRADUAÇÃO.....	79
VI – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSOS, DE MESTRADO OU DE DOUTORADO.....	80
1. Bancas de concursos.....	80
2. Bancas de mestrado.....	80
3. Bancas de doutorado.....	83
VII – ORGANIZAÇÃO E/OU PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE PESQUISA, ENSINO OU EXTENSÃO.....	85
1. Organização de eventos.....	85
2. Participação em eventos.....	85
VIII – APRESENTAÇÃO, A CONVITE, DE PALESTRAS OU CURSOS EM EVENTOS ACADÊMICOS.....	89
IX – RECEBIMENTO DE COMENDAS E PREMIAÇÕES ADVINDAS DO EXERCÍCIO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS.....	91
X – PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES EDITORIAIS E/OU DE ARBITRAGEM DE PRODUÇÃO INTELECTUAL E/OU ARTÍSTICA.....	92
1. Conselho Consultivo.....	92
2. Conselho Editorial.....	92

3. Parecerista Ad-hoc.....	92
XI – ASSESSORIA, CONSULTORIA OU PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS DE FOMENTO À PESQUISA, AO ENSINO OU À EXTENSÃO.....	93
XII – EXERCÍCIO DE CARGOS NA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL E/OU COLEGIADOS CENTRAIS E/OU CHEFIA DE UNIDADE OU DO CAMPUS/SETORES E/OU DE REPRESENTAÇÃO.....	94
1. Colegiado do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Turma I e Turma II.....	94
2. Colegiado do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História.....	94
3. Coordenadora de Estágios dos Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena e História.....	94
4. Sub-chefia do Departamento de História.....	95
5. Representante do CFH junto à Câmara de Ensino de Graduação.....	95
6. Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História.....	95
7. Comissão de seleção dos candidatos ao Programa e comissão de elaboração e aplicação do exame de línguas estrangeiras.....	95
XIII – ATIVIDADES DE CUNHO SOCIAL E NÃO PREVISTAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POR EXEMPLO: ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, DE CLASSE, SINDICAIS E OUTROS.....	96
DE TUPINAMBÁ A KAINGANG: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA INDÍGENA.....	97

IDENTIFICAÇÃO

ANA LÚCIA VULFE NÖTZOLD

Brasileira, professora, nascida em um domingo ensolarado de inverno. 25 de junho de 1961 em Jaguari-RS.

Filha de Alcindo Nötzold (caminhoneiro) e Cenilsa Vulfe Nötzold (auxiliar de enfermagem).

Casada com Almir Spinelli (professor) desde 09 de agosto de 1988.

RG: 1013165293

CPF: 323579070-53

MEC/DEMEC-RS: LP-62767 - Processo: 23030005466/86

SIAPE: 2169782

MATRÍCULA DE ORIGEM: 12096-5

ENDEREÇO PROFISSIONAL:

Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Reitor João David Ferreira Lima
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

LABHIN – Laboratório de História Indígena

Fone (48) 3721 2491

Email: ana.lucia@ufsc.br

Ingresso na UFSC: 11 de agosto de 1997

Professora Associada IV

Coordenadora Institucional do OBEDUC-Observatório da Educação/CAPES/DEB/INEP

<http://lattes.cnpq.br/1638643464045824>

APRESENTAÇÃO

Em raros momentos paramos, sentamos e escrevemos sobre nós mesmos, sobre nossa trajetória de vida, sobre nossa trajetória profissional. Enquanto pesquisadores das humanidades, passamos nossos dias e noites envoltos em pesquisas e produção de conhecimento sobre os outros na história e não sobre nós mesmos. Agora é dada a hora de eu mesma, retomar os documentos, portarias, planos de ensino, ementas, artigos, livros, capítulos de livros, orientações de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, projetos e enfim, “falar de mim”. Esse memorial descortina a minha trajetória pessoal e acadêmica/profissional. É o momento para a reflexão e narrativa sobre o meu percurso profissional. Apresentar as minhas escolhas e demonstrar que o caminho precisou ser traçado, a caminhada foi árdua, mas se mostrou profícua na realização das ações de docência, pesquisa, extensão, em projetos de inclusão social e desenvolvimento de políticas públicas.

FORMAÇÃO

Formação na Educação Básica

Iniciei meus estudos primários no regime de semi-internato, no Colégio Nossa Senhora Medianeira, na cidade de Santiago/RS. Meus pais de origem humilde (meu pai caminhoneiro e minha mãe do lar) sabiam que a chance que eu teria na vida era pelos estudos. Conseguiram uma bolsa de estudos para eu estudar no “Medianeira, ou colégio das freiras”, como era e é até hoje conhecido. O sistema de semi-internato compreendia aulas no período matutino e aulas práticas no período vespertino. As aulas práticas contavam com atividades de bordado, tricô, crochê, confecção de jardins, atividades de educação física e ensaios na fanfarra/banda da escola. Como meus pais residiam na cidade, eu pernoitava em casa. O empenho que meus pais tiveram para conseguir a bolsa de estudos era pelo fato do “Medianeira” formar em Magistério, pois queriam muito que sua filha primogênita fosse professora.

Eu tinha muita dificuldade de aceitação das normas rígidas da escola, tinha apenas 06 anos e meio, queria poder correr, subir em árvores, brincar nos balanços construídos no quintal da casa de meus pais e praticar minha atividade favorita que era de goleira no time da rua em que morávamos. O time era de meninos, mas meu irmão sempre me chamava para o gol e eu me divertia.

A rotina para ir ao colégio começava muito cedo. Eu precisava colocar a saia azul-marinho plissada no comprimento de 4 dedos acima do joelho, a camisa branca, a gravata vermelha, as meias brancas e o sapato preto de verniz. Assim se passaram 2 anos. Minha

alegria eram as férias escolares em que eu podia retomar aquela vida livre e ia para a casa de meus avós maternos, na zona rural.

Meu pai perdeu o emprego e precisamos nos mudar e assim eu me transferi para uma escola pública estadual; o Grupo Escolar 29 de Junho, na cidade de São Pedro do Sul. Lá estudei e ao concluir o ensino primário, fui estudar no Colégio Estadual Tito Ferrari. No início do ano escolar (primeiro ano) na disciplina de Orientação Educacional a nossa professora Maria Aparecida (Cida Baiana) aplicou um teste vocacional e encaminhou para que fosse feito a análise por um profissional amigo dela. Quando recebi o resultado, fiquei surpresa, pois estava lá escrito que “minhas habilidades deveriam ser exercidas nas atividades de pediatria ou de professora”. Havia a necessidade de trabalhar para ajudar meus pais e eu decidi seguir o teste vocacional e buscar por um emprego como professora, então me inscrevi na Secretaria Municipal de Educação, mas como só tinha 17 anos, me explicaram que eu não poderia atuar como professora. No dia em que completei 18 anos, ao meio-dia, no Programa de Avisos e Notícias da Rádio Municipal, fui chamada para me apresentar na Secretaria Municipal de Educação. Eu estava no segundo ano do Segundo Grau (Ensino Médio). Assinei contrato e comecei a minha caminhada como professora primária. Era uma escolinha multisseriada, na zona rural. Eu atendia aos alunos de segundo, terceiro e quarto ano. Todos na mesma sala de aula, isso é uma escola multisseriada, ainda fazia a merenda e a faxina da sala. Outra professora atendia ao primeiro ano e respondia pela direção da escola.

Esse foi meu primeiro emprego com carteira assinada. Aprendi muito na experiência e convivência com as crianças, filhas de agricultores. Com a escola eu me descobri fazendo canteiros de flores, horta para melhorar a merenda, campanha com os pais para pintura de paredes, troca de telhado, quermesse para comprar mimeógrafo, venda de rifas para colocar cortinas. Ganhava muitos presentes: ovos, frutas, moranga, abóbora e até um porco vivo na ocasião do Natal, que eu não sabia o que fazer com ele.

Essa oportunidade de ser professora foi um despertar de emoções e então decidi fazer o vestibular, pois sabia que queria continuar no “métier”.

Fiz inscrição no Vestibular 1981, da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, para o Curso de Licenciatura Plena em História - Diurno, em primeira opção e para Licenciatura Curta em Estudos Sociais - Noturno, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), instituição comunitária localizada na região Noroeste do Rio Grande do Sul, Campus Santiago, em segunda opção. Decidi pelo curso de História, pois na sétima e oitava séries do ensino primário fui aluna da Professora Eva (Evinha) e me

fascinavam as suas aulas de História Antiga, a gente se transportava no tempo e eu sempre queria saber mais.

Formação Universitária – Graduação

Passei na segunda opção para o Curso de Licenciatura Curta em Estudos Sociais, na URI, Campus Santiago. Apesar de ser comunitária, portanto precisando pagar mensalidades, imediatamente fiz minha matrícula e me inscrevi para ser professora pelo município. A minha experiência anterior como professora no município de São Pedro do Sul e o fato de ser acadêmica me garantiram um emprego no CEBEM – Centro do Bem Estar do Menor, atuando com a Pré-escola. O fato dos familiares de minha mãe residir em Santiago me garantia onde ficar. Fui morar com minha avó. As aulas começaram no mês de março, eu já estava trabalhando desde fevereiro no CEBEM. Essa experiência foi marcante, pois atendia crianças em vulnerabilidade social, com grande carência afetiva e econômica. No dia 20 de março recebi um telegrama que informava que eu tinha sido aprovada para o Curso de Licenciatura Plena em História, na UFSM, para iniciar no semestre 1981.2.

O Curso iniciou em agosto e lá estava eu, feliz, na UFSM. Ingressar na “Federal” foi uma conquista e uma emoção inenarrável, contudo o curso era diurno, em algumas fases as aulas eram no período matutino (07:30 – 12:30) e algumas disciplinas ofertadas por outros cursos eram no período vespertino. Isso era um complicador, pois não havia possibilidade de arrumar um emprego, mas eu sabia que teria que arrumar uma solução. Fiquei no mês de agosto morando na casa de meus pais, em São Pedro do Sul, distante 45 Km de Santa Maria, mais 12 Km até o Campus Universitário, em Camobi. Era muito cansativo ir todos os dias de ônibus e eu só retornava para casa para dormir. Assim comecei a me informar sobre a moradia estudantil. A UFSM possui as Casas de Estudantes Universitários – CEU 1 no centro da cidade e a CEU 2 no campus, em Camobi, entretanto em 1981 eram apenas masculinas e havia um movimento muito forte para transformá-las em moradias mistas. Eram moradias com 150 vagas, todas destinadas a rapazes. No campus universitário ficava a CEU 2, prédio com 3 andares e dividido em blocos (11, 12, 13, 14,...), sendo que em cada bloco, no andar térreo havia um apartamento com 2 quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. Esses apartamentos eram ocupados por famílias de servidores da Universidade que tinham a função de supervisionar os estudantes/moradores. Cada vez que um apartamento ficava vago para a mudança dos servidores, um grupo de meninas, com o apoio dos rapazes, invadia/ocupava o apartamento. Eram colocadas 5 meninas por apartamento. Por minha vez, também fui participar dessas ocupações e passei a ser a décima quinta (15) moradora feminina da CEU 2.

Ocupei o Bloco 11, apartamento 1106, dividindo com 02 colegas do curso de História, 01 do curso de Filosofia e outra do curso de Educação Física. Meus problemas estavam parcialmente solucionados, pelo menos em relação à moradia, sem pagar aluguel e podendo dedicar-me aos estudos. Passei a integrar o movimento estudantil e ter uma vivência acadêmica. Os problemas financeiros continuavam e decidi procurar emprego. Fui contratada como professora pelo município de São Pedro do Sul e nessa ocasião fui trabalhar numa escola na zona urbana, atuando no currículo por área, com a quarta e quinta séries, além de ser responsável pelo Centro Cívico da escola. Estudava pela manhã e trabalhava no período vespertino. Vivíamos o período da redemocratização, lutávamos por eleições diretas em todas as esferas. Tivemos a primeira eleição para governador do estado e no centro acadêmico de História, nos dedicávamos às manifestações e passeatas pelas Diretas Já. Os comícios pelas diretas ocupavam nossas reflexões e povoavam nossos sonhos de um futuro sem militares e onde, pelo voto, iríamos escolher nossos governantes.

A vida universitária proporcionou a descoberta de novos horizontes e possibilidades, o cultivo de amizades e o despertar de grandes paixões.

Com a proximidade da colação de grau, em 1985, muitas expectativas por parte dos colegas, sobre continuar numa possível pós-graduação ou fazer concurso para professor da rede pública. Eu sabia que continuaria como professora, pelo menos por enquanto não iria cursar uma pós-graduação.

Formação Universitária – Pós-graduação

A pós-graduação seria apenas uma questão de tempo e de lugar.

Em 1981, ainda enquanto caloura, num dia de sol de setembro, na fila para o almoço do RU – Restaurante Universitário, dois olhares se cruzaram e essas pessoas nunca mais se separaram. Foi assim que eu e o Almir (meu esposo) nos conhecemos. Eu graduanda em História e ele em Química Industrial. Nosso percurso acadêmico era bastante distinto. Eu estudava e trabalhava, ele estudava e possuía bolsa, ou de monitoria, ou de iniciação científica. Ele tinha um propósito bem definido... “um dia iria cursar o doutorado na França”, era isso que ele sempre dizia. Fez a graduação e o mestrado na UFSM e depois foi selecionado para o Doutorado na França, na Universidade de Poitiers. Casamos-nos e em 1989 seguimos em busca de novas experiências profissionais e de vida.

Eu matriculei-me na Faculté des Lettres, no Curso de Francês para estudantes estrangeiros e de janeiro a maio de 1989 eu estudei 08 horas aulas diárias de francês. Em setembro já estava “alfabetizada” e com um projeto elaborado, procurando por um orientador.

Eu segui para uma nova trajetória, agora como “esposa” de doutorando, bolsista do CNPq. Eu sabia que essa também seria a ocasião para eu cursar uma pós-graduação e não iria deixar essa oportunidade passar.

No momento de escolher um tema para elaborar o projeto e procurar por um professor que aceitasse orientar-me, pensei e repensei e decidi-me investigar algo novo, algo que eu pudesse aplicar em meu retorno ao Brasil, pois tencionava continuar como professora. O que poderia despertar meu interesse enquanto egressa do Curso de História? No breve convívio com os franceses o que mais despertava curiosidade dos mesmos em relação ao Brasil e ao fato de eu ser uma brasileira, era a curiosidade sobre os indígenas. Perguntavam-me sempre sobre a existência de indígenas, sobre a cultura, sobre os mais diversos temas. Eu respondia evasivamente, pois desconhecia o tema, então me decidi em pesquisar justamente sobre os indígenas e a sua relação com a França.

O sistema seletivo para ingresso na pós-graduação era bem diferente do sistema vigente aqui no Brasil. Procurava-se por um professor, no catálogo da universidade e lhe enviava uma carta se apresentando e um breve texto sobre o tema a ser desenvolvido. Dentro deste envelope, colocava-se outro envelope já postado e endereçado a si mesmo. Caso o professor aceitasse conceder um horário para conversar sobre o projeto, ele devolvia a correspondência informando o dia, local e horário para a entrevista. Foi assim que eu fiz contato com o Professor Jacques Marcadè, que aceitou ser meu orientador e então desenvolvi o tema da pesquisa:

DEA - DIPLOME D'ÉTUDES APPROFONDIES. Em 13 meses eu fiz a pesquisa, redigi e defendi meu DEA. Era o mês de novembro de 1990.

DEA na Université de Poitiers – França

UFR des Sciences Humaines - Histoire

Título: La Vision du Brésil par les Voyageurs Français au XVI^e Siecle – D'après les témoignages des voyageurs français et des ecclésiastiques

Data da defesa: 27 de novembro de 1990

Orientador: Professor Dr. Jacques MARCADÈ - Université de Poitiers

Membro: Professor Dr. Jacques PERET - Université de Poitiers

Membro: Professor Dr. Philippe GUIGNET - Université de Poitiers

A pesquisa envolvia um levantamento das fontes para estudar os indígenas do Brasil, bem como a localização das mesmas e um texto introdutório que abarcava os objetivos e problemática da pesquisa. Em síntese, o DEA compreendia o equivalente à pesquisa e revisão de literatura (bibliográfica) e de fontes.

Foi uma alegria, quando após a defesa, meu orientador, Prof. Marcadè, apertou minha mão e disse: - *dèmain matin, dans mon bureau, on va parler du doctorat*; (- amanhã pela manhã, na minha sala, vamos falar do doutorado). Era tudo o que eu queria ouvir, pois meu objetivo era o doutorado.

Começando o doutorado...

Iniciar o doutorado significava a concretização de um sonho, mas também mais um desafio a ser vencido. Concorrer a uma bolsa do CNPq, pois até aquele momento eu continuava com visto de turista e acompanhante de estudante de doutorado (cônjuge). Fiz todos os procedimentos para concorrer à bolsa e obtive como resposta, elogios sobre o tema, mas que no atual contexto econômico da história do Brasil, não era possível conceder bolsa para os dois da mesma família, que poderiam custear meus gastos com matrícula. Foi assim que sem bolsa, ou com apenas a bolsa que meu esposo tinha, fiz o DEA e o doutorado. Assim conversando com meu orientador e ciente das dificuldades inerentes ao fato de não possuir bolsa de doutorado, combinamos que eu faria o maior levantamento possível das fontes, escreveria um pré-sumário, 1 capítulo completo e o esboço dos demais capítulos e retornaria ao Brasil, o que aconteceu em novembro de 1992.

Para o arrolamento das fontes, pesquisei nas Bibliotecas da Universidade e Municipal de Poitiers; na Biblioteca Nacional e na Sorbonne, além do Instituto de Estudos Portugueses da Fundação Calouste Gulbenkian, estes localizados em Paris.

Retornamos ao Brasil, em dezembro de 1992, meu esposo tomou posse no departamento de Química, da UFSC, pois no mês de julho ele havia concorrido a uma vaga para docente e logrado classificação em primeiro lugar. Assim, fixamos residência em Florianópolis.

Em março de 1993 abriu concurso com vaga para professor substituto no Departamento de História, na disciplina de História do Brasil. Eu me candidatei e fui aprovada. Sendo contratada para ministrar aulas no Curso de Serviço Social e no Curso de Geografia. Fiz um semestre como professora substituta e não desejei renovar o contrato, pois era de 20hs e optei por dedicar-me exclusivamente à escrita da tese.

Os contatos com meu orientador aconteciam por meio de carta e fax. Depois de longa pesquisa e escrita, retornei à Poitiers para a defesa.

Doctorat na Université de Poitiers – França

UFR des Sciences Humaines - Histoire

Título: DE GONNEVILLE À VILLEGaignON: um regard sur les indiens du Brésil

Data da defesa: 19 de dezembro de 1996

Orientador: Professor Dr. Jacques MARCADE - Université de Poitiers

Membro e presidente: Professor Dr. Jean DUMAS – Université de Poitiers

Membro: Professor Dr. Guy MARTINIERE – Université de la Rochelle

Membro: Professor Dr. René RENOU – Université de Angers

Sonhos e Desafios

Tese defendida frente a uma banca altamente qualificada. Aprovada e agora outro desafio se apresentava. O de prestar um concurso e lograr aprovação. Em fevereiro de 1997, lendo o Jornal de domingo (DC), constava a publicação de Edital para concurso de provimento de vagas no Departamento de História, da UFSC. Exigência: Doutorado em História, Área de Concentração: História Antiga e Medieval. Prestei o concurso, tendo sido aprovada, tomei posse em 11 de agosto de 1997. As atividades de ensino iniciaram imediatamente. Ministrei a disciplina de História Antiga por longos anos, até o semestre 2008.2.

Fui aprovada, sendo a primeira contratada a ingressar como Adjunta no Departamento de História, pois a universidade estava em processo de mudanças e a titulação mínima para ingresso passou a ser o título de doutor.

Então, chegou o momento de apresentar o Memorial de Atividades Acadêmicas para fins de progressão funcional à Classe E - Titular de Carreira não se deve, a meu ver, simplesmente compilar e listar as atividades desenvolvidas. Elas devem vir acompanhadas de explicações, ainda que sejam pequenas devido às limitações de espaço, dos princípios que nortearam suas inserções nos diferentes âmbitos da carreira acadêmica. Espero, portanto, neste relato que aqui se inicia ser capaz de ir além de uma simples compilação de fatos e atividades acadêmicas.

A Progressão Funcional para a Classe E – Titular de Carreira não representa, pelo menos para mim, o fim das atividades acadêmicas e sim a mola propulsora para buscar novos desafios.

Apesar das diretrizes das Universidades Federais não delimitarem as funções de cada classe de professor, acredito que é função dos Professores Titulares exercerem a liderança e o destaque que adquiriram durante a carreira. Neste sentido, a exposição pública e clara das ideias, o exercício do convencimento dos pares e a prática de correr riscos devem ser constantes e rotineiros na atividade destes docentes.

Por fim, tenho a convicção de que não há como ser Professor Titular de verdade se a capacidade de liderança forjada através da consistência na maioria dos pilares que sustentam a vida acadêmica não for reconhecida pelos pares. Assim sendo, sinto-me tranquila em apresentar este memorial com a certeza que a minha trajetória, não apenas a descrita nesse documento, mas aquela que está viva dentro do documento, com o exercício das atividades de **Ensino, Pesquisa, Extensão, Desenvolvimento de Políticas Públicas, Formação Continuada e Produção de Material Didático** autenticam o meu pleito para a progressão funcional para a classe E – Titular de Carreira.

Atividades de desempenho acadêmico para a promoção da Carreira do Magistério Superior – Classe E - Titular de Carreira, de acordo com o Anexo I da Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, de 27 de maio de 2014

As atividades de desempenho acadêmico descritas na sequência deste memorial foram organizadas de acordo com as orientações contidas no Anexo I da Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, de 27 de maio de 2014 e o Artigo 5º da Portaria nº 982, de 3 de outubro de 2013, do Ministério da Educação. Neste memorial descritivo, procurei contemplar o que determinam as normas para Progressão Funcional para a Classe E – Titular de Carreira e, também, dar ênfase às atividades realmente relevantes e evitando tornar este apontamento desnecessariamente denso.

Este Memorial de Atividades Acadêmicas descreve as principais atividades profissionais desenvolvidas por mim entre agosto de 1997 e julho de 2016 e foram organizadas em treze tópicos, aos quais passarei a apresentar. Os comprovantes das atividades desenvolvidas estão anexados na forma de arquivos pdf no CD-ROM que acompanha este documento.

I – ATIVIDADES DE ENSINO E ORIENTAÇÃO

Participei do Concurso Público para provimento do cargo de Professor Adjunto do Departamento de História – Área de Concentração: História Antiga e Medieval. Tendo sido aprovada, tomei posse em 11 de agosto de 1997. As atividades de ensino iniciaram imediatamente. A banca questionou-me se eu tinha mesmo a intenção de ministrar essas disciplinas, ou se após a posse, eu pediria para atuar mais especificamente em minha área de formação. Eu respondi que sim, estava fazendo o concurso e partia do pressuposto de que seria a professora das referidas disciplinas.

1. Criação de disciplinas de graduação - optativas

Embora eu tenha assumido a disciplina e realmente tenha ministrado História Antiga por 11 anos, eu percebi a necessidade da criação de Tópicos Especiais que abordassem a temática indígena e que possibilitassem a formação dos acadêmicos e o desenvolvimento de pesquisas através de orientação e produção científicas. No mesmo ano de meu ingresso na UFSC, encaminhei a solicitação ao Colegiado do Curso de Graduação em História e foi baixada a Portaria 183/PREG/97 criando o Tópico Especial: **HST 5861 – Tópico Especial: Um olhar sobre os índios do Brasil: o ponto de vista francês**, que a incluía no rol das disciplinas optativas. Foi significativo o número de inscritos na disciplina, as 30 vagas foram preenchidas e ficaram outros 30 na lista de espera. Isso apontava positivamente, demonstrando uma lacuna e um grande interesse por parte do alunado da graduação.

Os interesses por parte dos acadêmicos eram os mais diversos e então novos Tópicos Especiais foram criados durante esses anos, a saber:

HST 5870 – Tópico Especial: “Índios”: cotidiano e representação: Portaria 156/PREG/99.

HST 5896 – LEHIND – Laboratório de Ensino em História Indígena (PCC 72 horas-aula): Portaria 151/PREG/2006.

HST 5934 – Tópico Especial: Usos da Memória em Etnohistória: Portaria 199/PROGRAD/2013.

HST 7035 – Tópico Especial: Mitologia e Lendas Ameríndias: Portaria 291/PROGRAD/2016.

Nesse interím, foi publicada a Lei 11.645/2008 que institui a obrigatoriedade da temática “História Indígena” no currículo oficial da rede de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Conforme consta a seguir:

LEI N. 11.645, 10 de março de 2008. Obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”

“Art. 26.A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR).

O Departamento de História, visando atender a Lei 11.645/2008 criou a disciplina de História Indígena como obrigatória em 2014.1 e desde então sou a professora.

2. Ensino de Graduação

Disciplina: HST 5214 – História Antiga

Período ministrado: 1997.2 e 1998.1

Carga horária semanal: 9,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada na segunda fase, para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Foi a primeira vez que entrei em sala de aula como professora efetiva de uma universidade, o período era matutino. A carga horária semanal era de 9,0 créditos e os conteúdos contemplavam a história antiga ocidental e oriental. A mim competia abordar a história clássica ocidental, com 5,0 créditos. A disciplina era compartilhada com outro professor, que ministrava os conteúdos referentes ao oriente. Foi uma experiência muito boa, de planejar e dividir a disciplina, entretanto muitos acadêmicos tinham maior facilidade em uma ou outra e em caso de reprovação deviam cursar ambas, pois no currículo ela constava como uma única disciplina. Organizamos um pequeno processo e encaminhamos ao colegiado do curso, solicitando a divisão da disciplina, sendo aprovada a divisão a partir de 1998.2.

Disciplina: HST 5315 – História Medieval

Período ministrado: 1997-2

Carga horária semanal: 6,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ofertada na terceira-fase, para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Ministrava as aulas no período noturno e estava substituindo o professor da disciplina que estava realizando pós-doc. Aprendi muito no esforço em desempenhar a contento as atividades didáticas. No semestre seguinte o professor retornou do pós-doc e solicitou a disciplina, nunca mais a ministrei.

Disciplina: HST 5861 – Tópico Especial: Um olhar sobre os índios do Brasil: o ponto de vista francês

Período ministrado: 1998.1 e 1998.2;

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina criada como Tópico Especial ofertada na terceira fase (1998.1) e para segunda fase (1998.2) para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Visava incentivar o estudo das primeiras populações do Brasil, a partir dos relatos dos viajantes franceses, objetivando o conhecimento da cultura material e imaterial dos tupinambá, bem como as implicações históricas decorrentes das relações econômico sociais entre tupinambá e franceses. O desafio era levar a temática indígena para o cotidiano acadêmico no curso de graduação em História.

Disciplina: HST 5215 – História Antiga Ocidental

Período ministrado: 1998.2 até 2007.1

Carga horária semanal: 5,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada na segunda fase, para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. O conteúdo versava sobre o estudo das sociedades, culturas e civilizações da Antigüidade Greco-Romana, sua organização, dispersão e desintegração. Ainda constava na ementa como: ensejar a vinculação da pesquisa histórica, com preocupações e responsabilidade com o presente. Em 2007, o curso passou por uma reforma curricular e a disciplina passou a ser designada como História da Antigüidade Ocidental. Continuei como professora da referida disciplina.

Disciplina: HST 5870 – Tópico Especial: “Índios”: cotidiano e representação

Período ministrado: 2000.1 a 2002.2; 2004.1; 2005.1; 2006.1; 2010.2; 2012.1; 2013.1

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina criada como Tópico Especial, inicialmente ofertada para a sétima fase do curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Como a demanda e o interesse dos acadêmicos era grande, passou-se a ofertar no horário da terceira fase. Estudava as diferentes abordagens relativas à representação das populações indígenas no momento do contato com o europeu, percebendo-se as falas e discursos referentes à vida cotidiana e cultura desses indivíduos, buscando-se interpretações relativas ao imaginário europeu. Privilegiando o conhecimento das populações indígenas na atualidade. Continuava o desafio em levar a temática indígena para o cotidiano acadêmico no curso de graduação em História.

Disciplina: HST 5222 – História Geral do Brasil

Período ministrado: 2001.1 e 2002.1

Carga horária semanal: 3,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Serviço Social. Era anual, ofertada no primeiro semestre e abordava-se a História do Brasil, com ênfase na situação política, econômica, social e cultural em que surgem os cursos de Serviço Social.

Disciplina: HST 5111 – Pré-História Geral e do Brasil

Período ministrado: 2003.1

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ofertada na primeira fase, para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Substitui por 01 semestre o professor da disciplina que estava em licença médica. Foi uma experiência muito gratificante o fato de trabalhar com os “calouros” e também a disciplina me aproximava bastante da arqueologia, pois a ementa trazia em tópicos os temas que deveriam ser abordados ao longo do semestre: Conceito de Pré-História. Os Métodos da pré-história. Os estágios ou períodos culturais e a hominização. As origens do povoamento americano e o homem pré-histórico no Brasil.

Disciplina: HST 5896 – LEHIND – Laboratório de Ensino em História Indígena (PCC 72 horas-aula)

Período ministrado: 2006.2; 2008.1

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Passou a ter o código **HST 7004 - LEHIND – Laboratório de Ensino em História Indígena (PCC 72 horas-aula)**

Período ministrado: 2009.2; 2010.1; 2012.2; 2015.2

Comentários: Essa é uma disciplina de laboratório e tem como objetivo refletir sobre as metodologias e aplicabilidades do ensino da história indígena em sala de aula. Visa o encaminhamento de leituras orientadas, discussão, elaboração e apresentação de atividades propostas, envolvendo a prática e as dificuldades da aplicabilidade dessas metodologias no seu conjunto e/ou isoladamente. Prepara os acadêmicos a desenvolverem atividades para o ensino da história indígena, seja com atividades de produção de textos ou atividades lúdico-educativas.

Disciplina: HST 7103 – História da Antiguidade Ocidental (PCC 12 horas-aula)

Período ministrado: 2007.1 a 2008.2

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ofertada na primeira fase, para o curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Com a reforma curricular implantada em 2007, houve mudança de nome e na ementa da disciplina de História Antiga Ocidental. No semestre 2007.1, por ocasião da implantação do currículo novo, ministrei concomitantemente no período matutino e no período noturno, período de transição. A ementa traz o estudo das sociedades da Antiguidade Clássica, sua organização e mudanças a partir do contato com o Oriente, suas abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino. Busca revalorizar o ensino de História Antiga inserida no princípio da contemporaneidade histórica. Proporcionar o conhecimento histórico das civilizações da antiguidade clássica. Estimular o interesse pela pesquisa histórica. Desenvolver atividades de debates e críticas sobre textos específicos.

Fui professora de História Antiga, para a qual fui aprovada no concurso, desde 1997.2 a 2008.2.

Disciplina: HST 5807 - Trabalho de Conclusão de Curso

Período ministrado: de 2008.2 a 2010.1

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: A disciplina contava com 10,0 horas-aula e era dividida entre 2 professores. Consistia no acompanhamento da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, devendo-se constituir em uma monografia original, como exigências mínimas, problematização da questão, pesquisa em fontes primárias, fundamentação teórica, seguindo as normas técnicas estabelecidas pela ABNT.

Disciplina: HST 8001 – História Indígena Pré e Pós-Colonial (PCC 12 horas-aula)**Turma: Povo Kaingang**

Período ministrado: 2011.1

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada na primeira fase do curso. Estudo da ocupação indígena no território Sul da Mata Atlântica e suas abordagens teóricas: histórica, antropológica e arqueológica.

Disciplina: HST 8004 – Metodologia de Pesquisa I

Período ministrado: 2011.2

Turma: Povo Guarani

Carga horária: 4,0 horas-aula

Turma: Povo Kaingang

Carga horária: 4,0 horas-aula

Turma: Povo Xokleng

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada para a segunda fase. Cujas ementas propunham o estudo dos principais instrumentos empregados para a realização de pesquisas. A familiaridade dos acadêmicos indígenas com as narrativas e as dificuldades em se tratar com fontes escritas. Esse foi um grande desafio.

Disciplina: HST 8005 – Territórios e Territorialidades**Turma: Povo Kaingang**

Período ministrado: 2012.1

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada para a terceira fase. Estudo da inter-relação entre terra, território, territorialidade e territorialização, considerando a concepção e o uso das áreas indígenas, bem como sua conservação ambiental.

Disciplina: HST 8007 – Organização do Trabalho Escolar (PCC 12 horas-aula)

Período ministrado: 2012.2

Turma: Povo Guarani

Carga horária: 4,0 horas-aula

Turma: Povo Kaingang

Carga horária: 4,0 horas-aula

Turma: Povo Xokleng

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada para a quarta fase. Análise da estrutura educacional brasileira com ênfase na educação escolar indígena. Vários acadêmicos já exerciam a função de professores em suas aldeias e essa disciplina buscou contextualizá-los de uma forma mais abrangente sobre o tema.

Disciplina: HST 7101 – Introdução aos Estudos Históricos

Período ministrado: 2013.1

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ofertada na primeira fase, para o curso de Museologia. A ementa prevê uma discussão introdutória sobre a construção do conhecimento histórico através do estudo das fontes, da discussão bibliográfica e da forma da narrativa.

Disciplina: HST 5934 – Tópico Especial: Usos da Memória em Ethnohistória

Período ministrado: 2013.2 e 2014.2

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina criada como Tópico Especial ofertada para a segunda fase do curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Dedicar-se ao estudo da tradição oral, narrativa e sobre a ética na metodologia da História Oral. Apresenta as diferentes abordagens sobre os usos da memória em ethnohistória e a apropriação da escrita, os usos da memória e das narrativas pelos indígenas.

Disciplina: HST 8024 – Mitologia Indígena II (PCC 12 horas-aula)

Período ministrado: 2013.2

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada para a sexta fase dos alunos que escolheram a Terminalidade Humanidades. Busca refletir sobre as qualidades do conhecimento mítico, suas

características e formas de transmissão, observando as possibilidades de sua utilização nos processos de ensino e aprendizagem. Disciplina riquíssima.

Disciplina: HST 7304 – História Indígena (PCC 12 horas-aula)

Período ministrado: 2014.1 - atual

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ofertada para a terceira fase do curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Criada para atender a Lei 11.645/2008.

Tem como objetivos: Incentivar a valorização do ensino de História Indígena Brasileira inserida no princípio da contemporaneidade histórica, instrumentalizando aos acadêmicos, visando atender a Lei 11.645/2008, no que tange à obrigatoriedade da temática “História Indígena” no currículo oficial da rede de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Visa o estudo das populações indígenas no Brasil e das políticas indigenistas, bem como sobre as diferentes abordagens historiográficas relativas à representação dessas populações entre os séculos XVI e XXI e suas perspectivas teóricas e de ensino.

Disciplina: HST 8027 – Metodologia da Pesquisa II

Período ministrado: 2014.1

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina obrigatória ministrada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ofertada para a sexta fase dos alunos que escolheram a Terminalidade Gestão Ambiental. Compreendia as etapas para a construção do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Disciplina: HST 7035 – Tópico Especial: Mitologia e Lendas Ameríndias

Período ministrado: 2016.2

Carga horária semanal: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina criada como Tópico Especial ofertada para a quarta fase do curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Visa conhecer os distintos modos e explicações para o surgimento dos mundos indígenas e não indígena, dialogando com saberes específicos na perspectiva da consolidação e entendimento do mundo. Problematizar os usos de mitos por povos de tradição oral bem como sobre diferentes mecanismos de compreensão e reelaboração de significados dando origem a diferentes lendas.

3. Ensino de Pós-Graduação

Disciplina: HST 3471 – Tópico Especial: Índios: Cotidiano, Representação e Identidade Indígena

Período ministrado: 1999.2

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina optativa ministrada aos Cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História. A partir de uma abordagem interdisciplinar busca compreender as diferentes perspectivas referentes às populações indígenas históricas/e ou contemporâneas em contextos de fronteiras, representação e construções de identidades.

Disciplina: HST 3490000 – Tópico Especial: História e Memória na perspectiva da etno-história

Período ministrado: 2003.2; 2004.2; 2005.2; 2009.1; 2015.1

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina de tópico especial ofertada aos Cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História. Esta disciplina tem como objetivo refletir acerca da memória coletiva e individual, analisando os mecanismos que geram o esquecimento. Discutir a criação de fatores que levam à (re)elaboração de identidade e afirmação étnica descortinando as implicações e os aspectos decorrentes dessas relações inter-étnicas. Esta disciplina, juntamente com as similares implantadas nos cursos de graduação, consolidaram o ensino e a pesquisa em Etnohistória e História Indígena no Departamento de História da UFSC.

Disciplina: HST 3561 – Leituras em etno-história

Período ministrado: 2006.2 e 2007.2

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Disciplina de tópico especial ministrada aos Cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História por solicitação de um grupo de estudantes que necessitavam deste conteúdo para refletir sobre as metodologias e aplicabilidades da etno-história junto às populações indígenas, destacando a fundamentação teórica para pesquisas acadêmicas nas áreas de História Indígena e Etnohistória, entendidas no sentido mais amplo da relação entre os aspectos sócio-culturais, simbólicos e materiais da existência humana.

Disciplina: HST 3562 – Seminário da Linha de Pesquisa: Migrações, Construções Sócio Culturais e Meio Ambiente

Período ministrado: 2006.2

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Seminário obrigatório ofertado aos Cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História aos pós-graduandos que ingressaram na Linha de Pesquisa, em 2006. Estudo das questões relativas ao meio ambiente presentes nos processos de colonização, no etnoconhecimento e suas manifestações na memória, identidade e alteridade dos sujeitos.

Disciplina: HST 3474007 – Seminário da Linha de Pesquisa: História Indígena, Etnohistória e Arqueologia

Período ministrado: 2013.1e 2016.1

Carga horária: 4,0 horas-aula

Comentários: Seminário obrigatório ofertado aos Cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História que ingressaram na Linha de Pesquisa. Estudo de temas relacionados à história indígena e arqueologia, com ênfase na cultura tradicional e suas transformações ao longo do tempo. Para essa discussão são apresentadas diferentes perspectivas históricas, arqueológicas e antropológicas sobre o conceito de cultura, permitindo ao aluno se familiarizar com fundamentos teóricos essenciais para sua pesquisa. A discussão desses tópicos desdobra-se em temas tais como memória, representações e formas de interação, tecnologia e território, cotidiano, cultura material, tradição oral/escrita, educação e formação intelectual indígena.

4. Orientação de alunos de graduação

4.1. Trabalhos de conclusão de curso

Considero a orientação de trabalhos de conclusão de curso uma atividade extremamente importante para a formação dos acadêmicos. Dentre outras coisas, eles aprendem ou aperfeiçoam o modo de redigir, praticam a pesquisa com fontes, passam pela experiência da elaboração de um texto acadêmico, com a apresentação pública para uma banca, que proporciona o desenvolvimento da oralidade. Procurei desenvolver esta atividade desde o início da carreira. Minha primeira orientação ocorreu em 1998. Foi a única orientação que fiz

e que não foi sobre a temática indígena, mas abordava sobre identidade e a acadêmica já estava com a pesquisa em andamento quando assumi a orientação.

Além de acadêmicos do Curso de História, também tive a honra em orientar 05 tccs de acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, todos Kaingang. No total, até o momento, orientei 21 trabalhos de conclusão de curso. A seguir serão listados o nome dos alunos orientados, o título e o ano da defesa do trabalho, a começar da última orientação em 2016.

Milene Félix da Silva

Título: Práticas Rituais Laklãnõ/Xokleng: no “Tempo do Mato”. 2016

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Getúlio Narcizo

Título: As muitas faces da violência na TI Xapecó/SC. 2015

Curso (Licenciatura Intercultural Indígena)

Diego de Souza Limas

Título: Duas metades de um povo, kamé e Kanehú: mitos de origem Kaingáng e suas representações. 2015

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Adriana Aparecida Belino Padilha

Título: A formação do Kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó SC. 2014

Curso (Licenciatura Intercultural Indígena)

Terezinha Ercigo Guerreiro

Título: A relação da cultura Kaingang com os animais. 2014

Curso (Licenciatura Intercultural Indígena)

Sueli Krengre Candido

Título: Histórias Kaingang. 2014

Curso (Licenciatura Intercultural Indígena)

Valdemir Pinheiro

Título: Infância Kaingang: Saber e Aprender. 2014

Curso (Licenciatura Intercultural Indígena)

Rafael Benassi dos Santos

Título: A luta indígena pela terra no Brasil contemporâneo: um estudo etnohistórico de uma ocupação Kaingang em Fraiburgo/SC. 2014

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Lucas Alves da Silva

Título: Os Kaingáng do oeste catarinense e o ritual do Kiki: uma questão de identidade
2012

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Jeniffer Caroline da Silva

Título: Bola na rede: futebol e lazer entre os Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC.
2011

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Luana Máyra da Silva

Título: Trançados e pinturas: o artesanato Kaingáng na EIEB Cacique Vanhkrê/Terra
Indígena Xapecó/SC. 2011

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Talita Daniel Salvaro

Título: A Língua Kaingáng e o processo de proibição. 2006

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Jackson Alexsandro Peres

Título: Indígenas e terras em Santa Catarina: parâmetros do século XIX (1850-1890)
2005

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Marcos A Silva

Título: A voz da terra: aproximações e distanciamentos entre a legislação indigenista e os
anseios indígenas. 2003

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Augusto César da Silva

Título: Educação para Jovens e Adultos indígenas: fortalecimento e transformações na
cultura Kaingáng. 2003

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Andreia Pacheco

Título: Permanência e transformações nos papéis das mulheres na sociedade Kaingáng:
Terra Indígena Xapecó. 2003

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Giselle Nara Lima da Silva

Título: Educação Kaingáng: um veículo para a autonomia. 2002

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Edna Elza Vieira

Título: Entre pontas de flechas e botoques: um olhar sobre os Xokleng. 2002

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Marcos Roberto Pereira

Título: A Ilha de Santa Catarina e os Indígenas: impressões através de relatos de viajantes. 2001

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Waldenice Fábria Mello Pagliarini

Título: Nas tramas da Lei: a ambigüidade histórica do estado perante o índio. 2000

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

Marcia Lucia Clemente - sem comprovante

Título: A construção da figura típica do Manezinho da Ilha. 1998

Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)

4.2. Monitoria

A orientação em monitoria faz parte dos procedimentos acadêmicos e de formação do aluno. A experiência de assessorar o professor em sala de aula, bem como ajudar na organização de textos a serem estudados proporcionam uma vivência maior em contato com a atividade docente, bem como na participação dos horários de atendimento para tirar dúvidas dos acadêmicos. Essas atividades são sempre exercidas em conjunto com a professora da disciplina, portanto são também fatores de aproximação do acadêmico/orientando com o universo docente. Enquanto professora de História Antiga, disciplina obrigatória e ofertada nas fases iniciais do curso de graduação em História, portanto turma numerosa, sempre contou com o apoio de um monitor. Desde o primeiro semestre (1997.2) até o último semestre que a ministrei, depois passando a contar com monitor na disciplina de História Indígena (2014.1), obrigatória para a terceira fase do curso.

Esses monitores/as sempre me acompanhavam no Laboratório de História Indígena-LABHIN e se tornavam pesquisadores voluntários, se vinculando às pesquisas em andamento e conseqüentemente desenvolveram suas pesquisas de trabalho de conclusão de curso – TCC. Isso sempre foi uma maneira de ampliar o número de pesquisas sobre a temática indígena, tão insipiente no curso de graduação em história. Cito apenas alguns que além de desenvolver o trabalho de conclusão de curso, tornaram-se professores e seguiram na pós-graduação, pesquisando a temática indígena.

Monitores:

História Indígena

Milene Félix da Silva

História Antiga

Jeniffer Caroline da Silva

Edna Elza Vieira

Jackson Alexsandro Peres

Andreia Pacheco

Augusto Cesar da Silva

Waldenice Fábila Mello Pagliarini

4.3. Bolsistas do Observatório da Educação Escolar Indígena-OEEI e Observatório da Educação-OBEDUC

Iniciei minhas orientações cerca de um ano após meu ingresso na UFSC. Inicialmente foram alunos sem bolsa (voluntários), pois eu ainda não tinha projeto aprovado. Logo essa realidade mudou, passei a contar com financiamentos em editais de extensão, tanto para pagamento de bolsista, como em recursos de custeio que eram usados para fins de viabilizar as publicações resultantes das atividades de pesquisa e extensão.

Valorizo muito a atividade de orientação, pois é o momento em que o acadêmico passa a vivenciar o cotidiano de pesquisa tendo o contato com a parte empírica do levantamento de fontes e inicia-se no universo da produção propriamente e da participação em eventos.

Relaciono dois projetos na orientação de bolsistas, pois além das atividades inerentes às atribuições dos bolsistas realizaram e realizam saídas de campo nas Terras Indígenas, o que considero altamente relevante e que são como estágios de vivência. Esses projetos são considerados de pesquisa, ensino, extensão, produção de material didático, formação continuada e desenvolvimento de políticas públicas. Darei mais detalhamento em item relativo a projetos. Não há emissão de certificado para este tipo de atividade, portanto na comprovação anexe a contracapa de livro produzido, constando a relação nominal da equipe. Outro ponto significativo que justifica a escolha desses projetos para constar na relação dos bolsistas é o fato de ter na equipe acadêmicos dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em História, Graduação em Ciências Sociais e Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Todos estão listados abaixo, pois certamente contribuíram para o desenvolvimento das pesquisas junto ao laboratório.

1. Projeto: OEEI: Observatório da Educação Escolar Indígena

“Autogestão e Processos Próprios de Aprendizagem: Desafios para uma Educação Escolar Indígena com Autonomia”

Períodos: 2010-2011-2012-2013

Financiamento: CAPES/MEC/SECADI

Bolsista Graduação: Bruno Anderson; Guilherme de Almeida Américo; Guilherme Nercolini Miranda; Jeniffer Caroline da Silva; Luana Máyla da Silva; Rafael Benassi dos Santos; Thiago Ribeiro dos Santos; Viviane Cavalcante Pinheiro; Wilson Cristiano Gerlach

2. Projeto: OBEDUC: Observatório da Educação

“Ensino, Saberes e Tradição: elementos a compartilhar nas escolas da Terra Indígena Xaçecó/SC”

Períodos: 2013-2014-2015-2016 e 2017

Financiamento: CAPES/DEB/INEP

Bolsista Graduação: Aaron Fernando de Paula; Bruna Gama Gavério; Claudemir Pinheiro; Elisa Borges; Fanny Spina França; Getúlio Narsizo; Isaac Facchini Badinelli; Leonardo de Lara Cardoso; Matheus Giácomo de Luca; Maurício Pietrobelli da Silveira; Milene Félix da Silva; Nathan Marcos Buba; Rafael Benassi dos Santos; Terezinha Guerreiro Ercigo; Yasmin dos Santos Sagás.

4.4. Estágio não obrigatório

Pela razão do Curso de História, ser Bacharelado e Licenciatura, os acadêmicos desenvolvem pesquisas e defendem um Trabalho de Conclusão de Curso. Entre os anos 1998 e 2010, orientei 32 estágios não obrigatórios, também denominados de estágios extracurriculares. Em alguns casos a orientação foi entre dois e quatro semestres, outros em um semestre único. As bolsas de estágios não obrigatórios eram pagas pela UFSC e os bolsistas dedicavam 20 hs semanais às atividades. Essas atividades são das mais diversas, desde a participação em atividades de oficinas com os professores indígenas, como pesquisa em arquivo público, elaboração, aplicação e transcrição de entrevistas de História Oral e a participação nas reuniões semanais em que se discutiam textos teóricos.

Nem todos os estágios culminaram com a elaboração de um TCC. Relaciono alguns orientados cujas pesquisas tiveram continuidade em Programas de Pós-graduação.

Gabriela Oppitz (PPG do Museu Nacional); Rafael Benassi dos Santos (PPGAS-UFSC); Lucas Bond Reis (PPGH-UFSC); Luana Máyra da Silva (PPGH-UFSC); Marilane Machado (PPGH-UFSC); Edna Elza Vieira (PPGH-UFSC); Augusto Cesar da Silva (PPGDir-UFSC); Marcos Antônio da Silva (PPGH-UFSC); Mariana Moreno (PPGH-UFSC).

4.5. Bolsistas de extensão

Tive projetos contemplados com recursos e/ou bolsas de extensão a partir do ano 2000. Não possuo nenhum tipo de declaração ou certificado de que eu realizei essas atividades. Nos anos 2000, as atividades eram registradas no Sistema NOTES e só posteriormente a UFSC desenvolveu o SIRAEX. O que tenho como comprovação são alguns poucos ofícios em que me comunicavam o resultado e a contemplação com recursos e bolsas. A relação desses acadêmicos é possível ser verificada na produção de material (livros e jogos) onde consta a equipe. (Vide pasta II Comprovantes de produção intelectual)

Alexandre Ferraz Herbetta; Ninarosa Mozatto da Silva Manfroi

Projeto: Kaingang na conquista da cidadania

Produto: Livro: Nosso vizinho Kaingang

Ninarosa Mozatto da Silva Manfroi

Projeto: Jogo de Memória Kaingang: uma maneira lúdica de preservar

Produto: Jogo de mesmo nome do projeto

Giuliano Albuquerque de Medeiros; Samuel Lopes da Silva Paz; Talita Daniel Salvaro

Projeto: Ouvir Memórias, Contar Histórias: Mitos e Lendas Kaingang

Produto: Livro de mesmo nome do projeto

André Luis Zanotto; Lucas Alves da Silva

Projeto: Brincando e Conhecendo os indígenas em Santa Catarina

Produto: Caderno de Atividades de mesmo nome do projeto

Gabriel Zambenedetti Colombi; Gabriela Oppitz; Jeniffer Caroline da Silva; Lucas Bond Reis

Projeto: Cipó Guambé, Taquaruçu e Anilina: Conhecendo os Artesanatos Kaingang

Produto: Caderno de Atividades de mesmo nome do projeto

Jeniffer Caroline da Silva; Luana Máyra da Silva

Projeto: Kaingang na conquista da cidadania: da arapuca ao futebol – o lazer Kaingang através dos tempos

Produto: Trilha Caminhando com os Kaingang

Produto: Dominó Kaingang

5. Orientação de alunos de pós-graduação

Assim como as orientações de alunos de graduação, iniciei muito cedo as orientações de estudantes de pós-graduação. Já em 1998 fui credenciada como professora permanente junto ao Programa de Pós-Graduação em História. Estávamos em processo de implantação do Doutorado. Desde o meu ingresso tive uma intensa atividade junto a ele, sendo membro do colegiado praticamente ininterrupto e participado das bancas de seleção, seja através da elaboração da prova de proficiência em Língua Francesa, seja analisando projetos. Participei das linhas de pesquisa: Migrações, Cultura e Identidades, posteriormente fizemos algumas alterações na ementa e no conjunto de professores e passou a designar-se Linha de Pesquisa, Migrações, Construções Sócio-Culturais e Meio Ambiente, nas quais eu ministrei aula e orientei dissertações e tese.

Hoje atuo na **Linha de Pesquisa História Indígena, Etnohistória e Arqueologia**, criada em 2012, pois era uma necessidade antiga de se ter uma Linha específica para pesquisas sobre História Indígena e Arqueologia.

O objetivo desta linha de pesquisa é refletir sobre as populações indígenas numa perspectiva de longa-duração, aliando abordagens teórico-metodológicas da história indígena, da etnohistória e da arqueologia. Tendo como eixo temático os ameríndios, a linha conjuga pesquisas etnográficas com análises de documentações textuais e materiais abarcando contextos atuais, coloniais e pré-coloniais. O conjunto de abordagens propostas pela linha se desdobra em temas tais como memória, representações e formas de interação, tecnologia e território, cotidiano, cultura material, tradição oral/escrita, e educação e formação intelectual. De caráter multidisciplinar, esta linha de pesquisa busca compreender a diversidade sócio-cultural destas populações atuais e pretéritas, pautando-se em reivindicações das comunidades indígenas com relação à memória, história e cultura. A integração dessas diferentes abordagens tem o intuito de conferir um caráter histórico para a situação contemporânea das populações indígenas, prerrogativa necessária para atuação em discussões relativas ao lugar do indígena na sociedade brasileira, sua diversidade e perspectivas de futuro.

As orientações se iniciaram em 1999 e a minha primeira orientanda defendeu seu mestrado em 2001. No total, até o momento, orientei 11 Dissertações de Mestrado e 04 Teses de Doutorado. Estou com 1 orientação em mestrado em andamento e duas teses.

A seguir serão listados o nome dos alunos orientados, o título e o ano da defesa da pesquisa.

5.1. Mestrado

Jeniffer Caroline da Silva

Título: DA BOLA ÀS CHUTEIRAS: A inserção do futebol na tradição dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC (1956-1986)

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2012

Luana Máyra da Silva

Título: TRADIÇÕES QUE BUSCAM PERMANÊNCIA: a identidade Kaingáng através da Cultura Material/ Terra Indígena Xapecó – SC (1941-1988)

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2012

Helena Alpini Rosa

Título: A presença da escola na comunidade de "Tekoa" Guarani: uma trajetória histórica

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2009

Talita Daniel Salvaro

Título: De geração em geração e o lápis na mão: o processo de revitalização da língua Kaingáng na educação escolar indígena/Terra Indígena Xapecó - SC

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2009

Sandor Fernando Bringhmann

Título: Índios, colonos e bugreiros: conflitos inter-étnicos e resistência Kaingáng nas terras altas do RS (1829-1860)

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2008

Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi

Título: A representatividade dos artigos jornalísticos de Antônio Selistre de Campos na história dos Kaingáng do oeste catarinense - 1939-1952

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2006

Marcos Antônio da Silva

Título: Memórias que lutam por identidade: a demarcação da terra Indígena Toldo Chimbangue (SC) 1970-1986

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2006

Rafael Casanova de Lima e Silva

Título: O serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo: a política indigenista através dos relatórios (1912-1926)

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2005

Edna Elza Vieira

Título: As transformações da cultura material dos Xokleng

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2004

Cristiano Schauffert de Amorim

Título: A arquitetura do silêncio: o indígena e a escrita, relações de civilização e extermínio

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2002

Delta Maria de Souza Maia

Título: Os Wapixana da Serra da Moça: entre o uso e o desuso das práticas cotidianas (1930/1990)

Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2001

5.2.Doutorado

Sandor Fernando Bringmann

Título: Entre os índios do Sul: uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas Nonoai /RS e Xapecó/SC (1941-1967).

Tese (História) Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2015

Carina Santos de Almeida

Título: Tempo, Memória e Narrativa Kaingang no Oeste Catarinense: a tradição Kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem da Terra Indígena Xapecó

Tese (História) Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2015

Clovis Antonio Brighenti

Título: O indígena no oeste catarinense na relação com D. José Gomes (1968-1999)

Tese (História) Universidade Federal de Santa Catarina

Ano: 2012

Delta Maria de Souza Maia

Título: A união como opção: Macuxi e Wapixana na luta pelo direito de cidadania dos povos indígenas de Roraima. 1900-1980

Tese (História) Universidade Federal de Santa Catarina

Previsto: 2005 *In memorium*

Orientações em andamento - Mestrado**Ricardo de Oliveira**

Título: A condição do Indígena na província do Paraná (1853-1889)

Ingresso: 2016

Orientações em andamento – Doutorado**Helena Alpini Rosa**

Título: Memória e tradição – as permanências e ressignificações a partir da comunidade Guarani Mbya Limeira de Santa Catarina

Ingresso: 2013

Cristiano Augusto Durat

Título: Ressignificando o papel da liderança indígena na Vila de Guarapuava: a trajetória do índio Francisco Luis Tigre Gacom (1817-1879)

Ingresso: 2016

II – ATIVIDADES DE PRODUÇÃO INTELECTUAL

Neste item apresento os indicadores da minha produção científica e uma pequena avaliação crítica da mesma. A publicação dos resultados obtidos em laboratório, seja em congressos ou em revistas científicas especializadas, é muito importante para dar visibilidade e, principalmente, credibilidade às pesquisas realizadas. Desta maneira, sempre dei importância a eventos científicos e publicações.

Os artigos foram todos produzidos no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e tem uma característica que julgo importante: em sua maioria há a participação de pelo menos um estudante de pós-graduação ou de graduação. Em minha opinião, a formação de recursos humanos em todos os níveis é a principal função de um Professor. Assim sendo, seria difícil eu justificar a produção científica sem a participação deles.

1 Publicação de artigos em periódicos científicos

A publicação de artigos em periódicos científicos está listada abaixo a partir de 2015 até 2000. Salienta-se, entretanto, que os comprovantes estão organizados por ordem alfabética do nome dos periódicos.

1. NÖTZOLD, A. L. V. Percepções dos usos de produções didáticas em uma escola Kaingang. Revista Pedagógica (Unochapecó. Online). , v.17, p.21 32, 2015.
2. NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A. Desafios para a autonomia na educação escolar indígena. Teoria e Prática da Educação. , v.16, p.35 45, 2013.
3. NÖTZOLD, A. L. V.; BRINGMANN, S. F. O Serviço de Proteção aos Índios e os projetos de desenvolvimento dos Postos Indígenas: o *Programa Pecuario* e a *Campanha do Trigo* entre os Kaingang da IR7. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 5 Nº 10, Dezembro de 2013. RBHCS, pp. 148-166.
4. ALMEIDA, C.S.; NÖTZOLD, A. L. V. A luta pela terra em território kaingang: os conflitos na terra indígena Xaçepó (SC/Brasil) ao longo do século XX. Anos 90 (UFRGS. Impresso). , v.18, p.279, 303, 2012.
5. BRIGHENTI, C. A.; NÖTZOLD, A. L. V. Educação guarani e educação escolar: Desafios da experiência Mbya e Nhandeva. Cadernos do LEME. , v.02, p.22 40, 2010.
6. NÖTZOLD, A. L. V.; BRINGMANN, S. F. Inteligente, Dissimulado ou Perverso? O cacique Doble na visão das autoridades provinciais sulriograndenses (Século XIX). Cadernos do CEOM (UNOESC). , v.1, p.17 39, 2010.

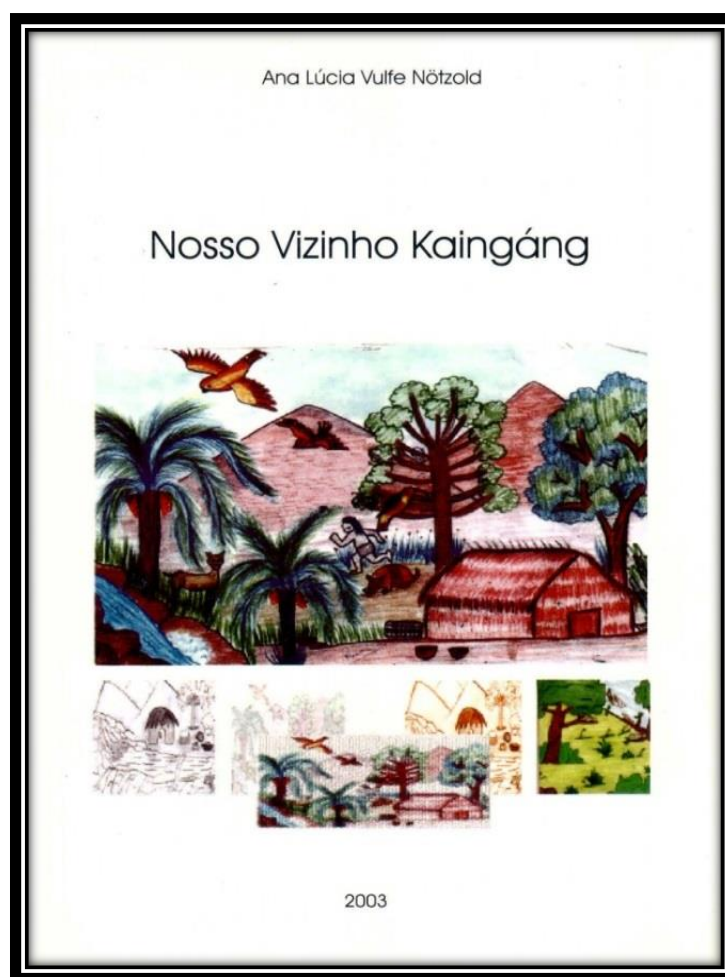
7. NÖTZOLD, A. L. V.; BRINGMANN, S. F. O que fazer com os Bugres? Discursos sobre a civilização e a catequese dos Kaingang no Rio Grande do Sul do século XIX. *Mnemosine Revista.* , v.1, p.17 40, 2010.
8. NÖTZOLD, A. L. V.; BRIGHENTI, C. A. Demografia e direito indígena: uma leitura a partir do contexto catarinense. *Revista de Ciências Humanas (UFSC).* , v.43, p.145 163, 2009.
9. BRIGHENTI, C. A.; NÖTZOLD, A. L. V. Dom José Gomes e as Terras Indígenas: análise de uma experiência de intervenção em políticas públicas. *Cadernos do CEOM (UNOESC).* , v.30, p.207 224, 2009.
10. BRIGHENTI, C. A.; NÖTZOLD, A. L. V. Práticas, saberes e memória Guarani na conquista da terra: uma experiência de conflito no litoral catarinense. *Espaço Ameríndio (UFRGS).* , v.3, p.121 141, 2009.
11. SILVA, P. H. C. M.; SALVARO, T. D.; NÖTZOLD, A. L. V. Kaingáng na conquista da cidadania: artes Kaingáng em imagens. *Extensio (Florianópolis).* , v.6, p.1 14, 2008.
12. MANFROI, N. M. S.; NÖTZOLD, A. L. V. Professor Felicíssimo Belino e a primeira escola para os Kaingáng: a memória comparada à história e a história registrando a memória. *Cadernos do CEOM (UNOESC).* , v.28, p.303 324, 2008.
13. NÖTZOLD, A. L. V. Apresentação do CADERNOS DO CEOM. *Cadernos do CEOM (UNOESC).* , v.24, p.7 11, 2006.
14. NÖTZOLD, A. L. V.; SALVARO, T. D.; MANFROI, N. M. S. Artesanato Kaingáng: entre usos e desusos da cultura material. *Cadernos do CEOM (UNOESC).* , v.24, p.31 50, 2006.
15. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, N. M. S.; MEDEIROS, G. A.; PAZ, S. L.; SALVARO, T. D.; BELINO, A. F.; ASSIS, A. A. Ouvir Memórias: Contar Histórias: Mitos, Tradições e Cultura na Revitalização do Patrimônio Cultural Kaingáng. *Expressa Extensão (UFPel).* , v.11, p.01-12, 2006.
16. NÖTZOLD, A. L. V.; PERES, J. A. Os indígenas no século XIX: a selvageria nos (dos) discursos oficiais (1850-1880). *Ágora.* , v.41, p.07 18, 2005.
17. NÖTZOLD, A. L. V.; VIEIRA, E. E. Estranhamento: indígenas versus colonizadores. *Revista Catarinense de História.* , v.12, p.063-074, 2004.
18. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, N. M. S. Rituais de Sepultamento Kaingáng. *Revista Agora.* , v.17, p.27 37, 2002.

19. NÖTZOLD, A. L. V.; SOUZA, A. M. Encontros e Desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. *Ágora.* , p.17 25, 2000.

2.Publicação de livro

Ressalto que os livros listados a seguir, são amplamente utilizados como material didático nas escolas indígenas e também são referencial nas escolas próximas à Terra Indígena Xapecó. Foram pensados e produzidos a partir da demanda dos professores e lideranças da comunidade Kaingang. Através de projetos financiados e em parceria com a comunidade, através de oficinas com os professores, que são autores em todo o processo, estes materiais foram elaborados e distribuídos gratuitamente nas escolas indígenas, nas escolas municipais e estaduais das cidades vizinhas à Terra Indígena Xapecó. Tem-se com essas ações a intenção de disponibilizar os resultados das pesquisas, difundir o conhecimento sobre a cultura indígena e minimizar o preconceito.

1. NÖTZOLD, A. L. V. Nosso Vizinho Kaingáng. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003, 99 p. Livro publicado em parceria com os professores da Terra Indígena Xapecó e cujo título “Nosso Vizinho Kaingáng” foi uma sugestão provocativa dos membros da comunidade indígena que desejando diminuir o preconceito enfrentado pela comunidade do entorno, decidiu-se por este título, pensando na divulgação e conhecimento de sua cultura. O material foi todo ilustrado pelos professores indígenas e seus alunos. Como tínhamos poucos recursos financeiros apenas a capa foi colorida e distribuímos nas escolas e bibliotecas dos municípios de Ipuacu e Entre Rios, no oeste de Santa Catarina. **Financiamento: Proextensão e Probolsa 2001-2002-2003-UFSC- Projeto: “Kaingang na conquista da cidadania”** (Tiragem de 1000 exemplares)

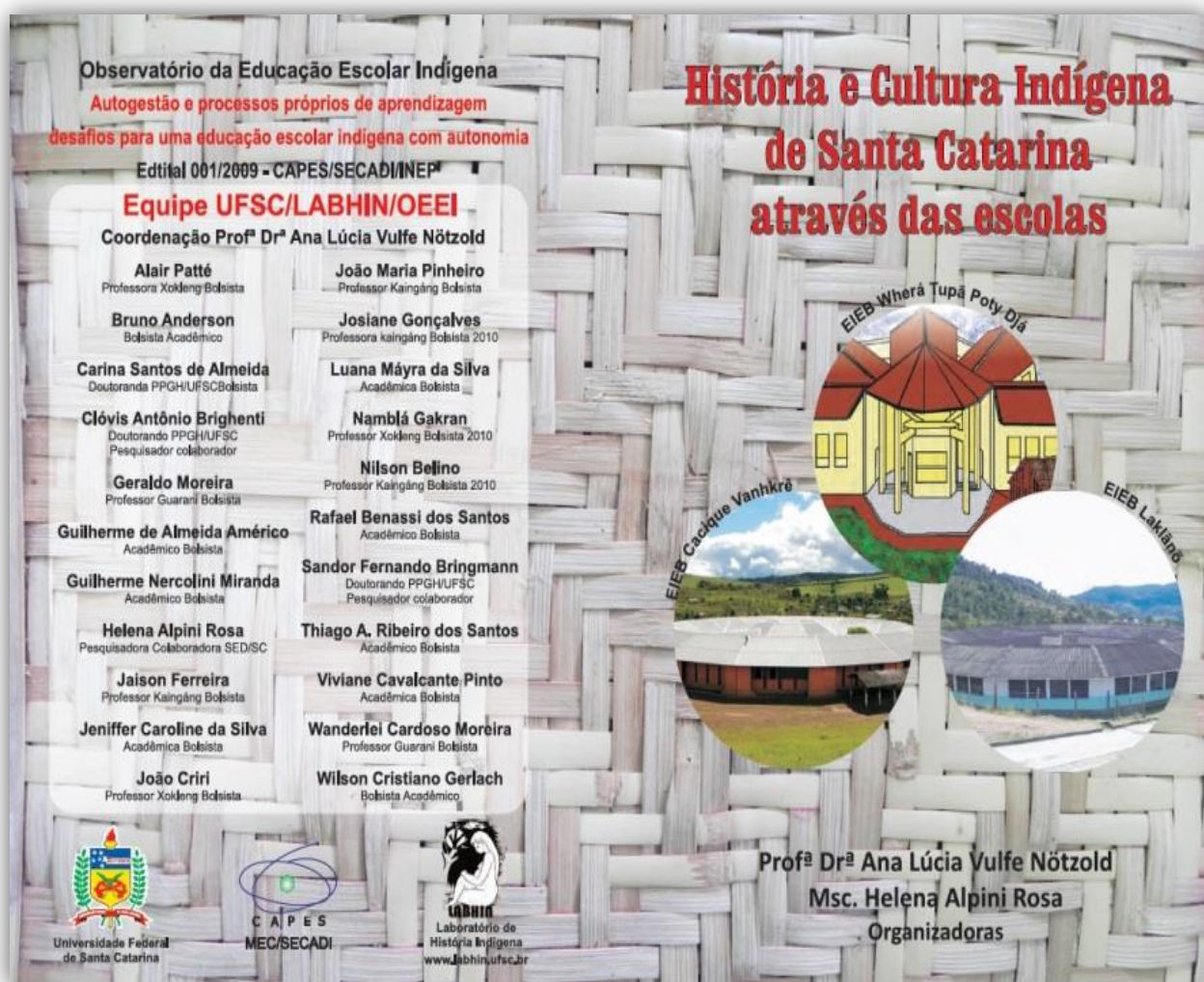


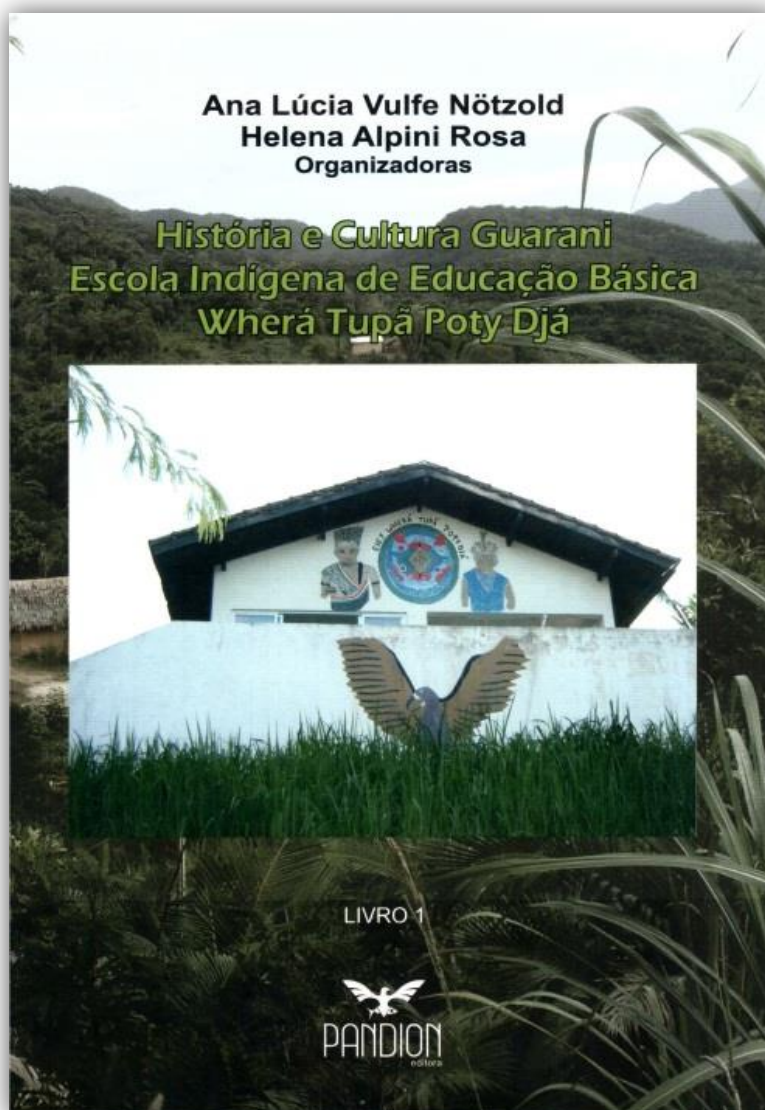
3. Organização de livros

1. NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A.; BRINGMANN, S. F. (Orgs). *Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre : Pallotti, 2012, 406 p. Os textos reunidos nesta coletânea abordam diferentes dimensões da história indígena, além de análises sobre o processo de educação escolar nas comunidades envolvidas. Destaque às relações entre memória e história; tradição oral e escrita; relações de poder entre o estado e populações indígenas. **Financiamento: OEEI/CAPES/SECAD/INEP –Edital 2009- Projeto: “Autogestão e processos próprios de aprendizagem: desafios para uma educação escolar indígena com autonomia”.** (Tiragem de 1500 exemplares)

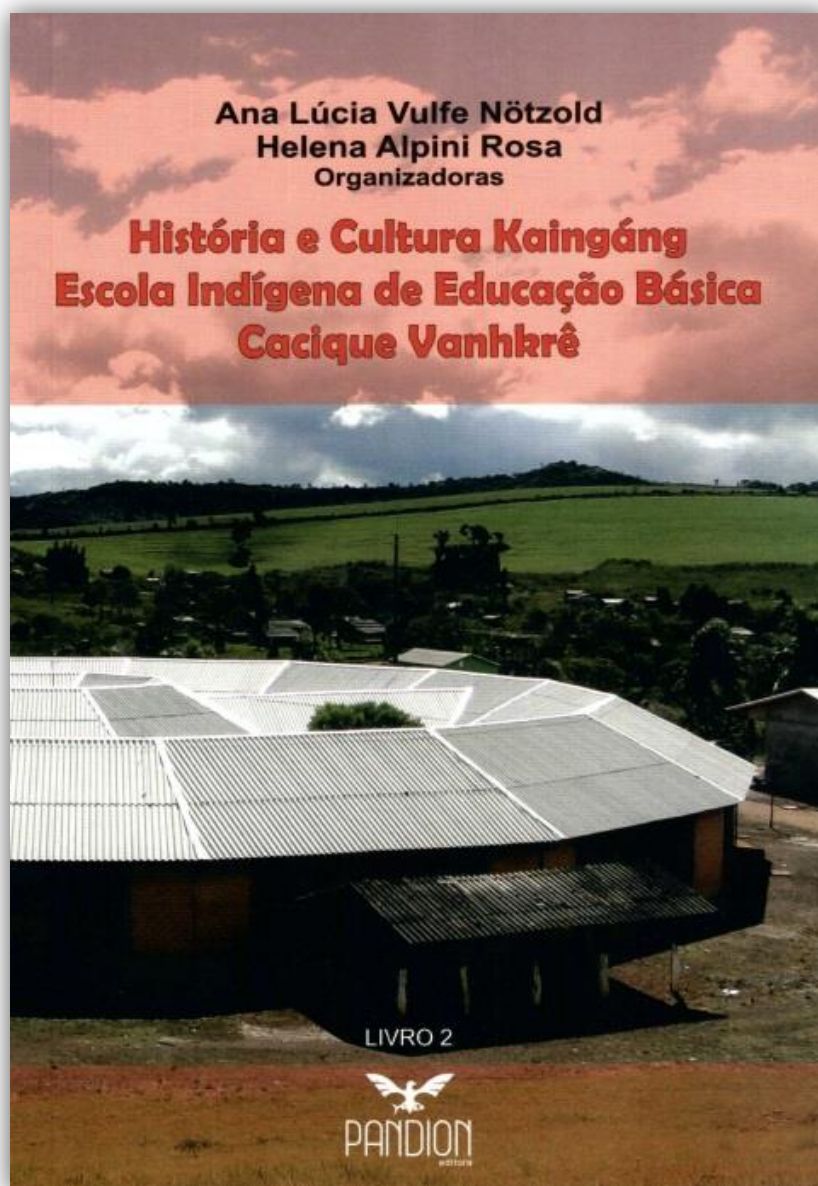


2. NÖTZOLD, A. L.V.; ROSA, H. A. História e Cultura Indígena de Santa Catarina através das escolas. 3 vol. Florianópolis: Pandion, 2011. **Financiamento: OEEI/CAPES/SECAD/INEP –Edital 2009- Projeto: “Autogestão e processos próprios de aprendizagem: desafios para uma educação escolar indígena com autonomia”**

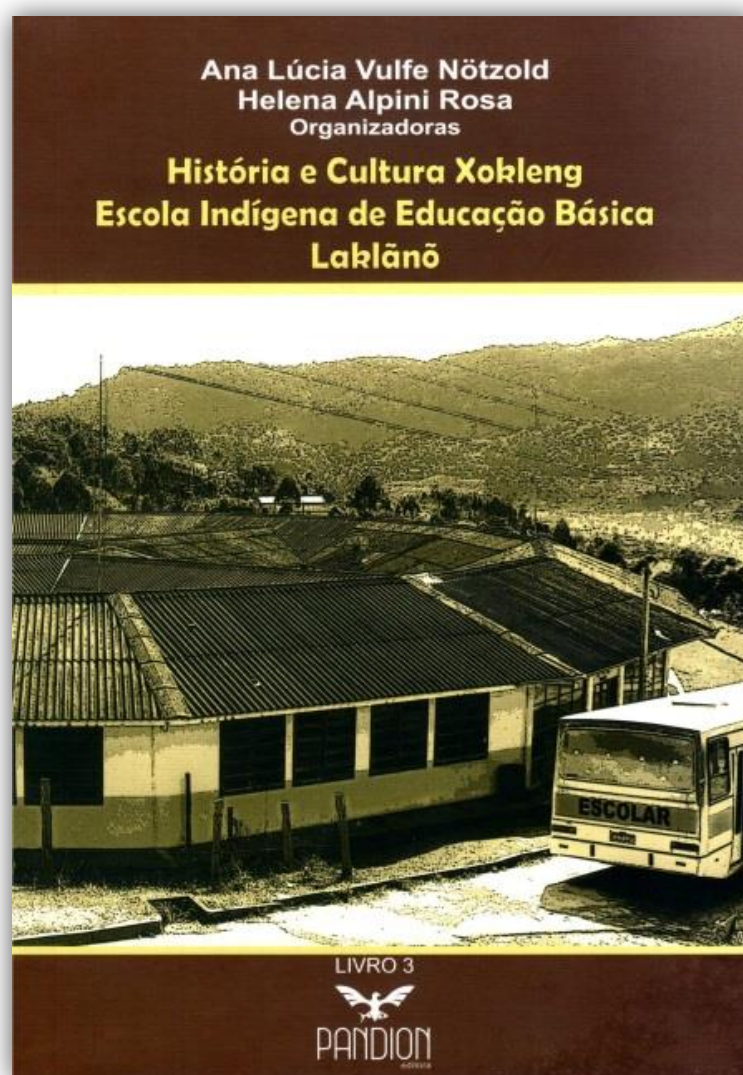




Livro 1: História e cultura Guarani: Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá. Florianópolis: Pandion, 2011, 62 p. (Tiragem de 500 exemplares)



Livro 2. História e cultura Kaingáng : Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre.
Florianópolis : Pandion, 2011, 68 p .(Tiragem de 500 exemplares)

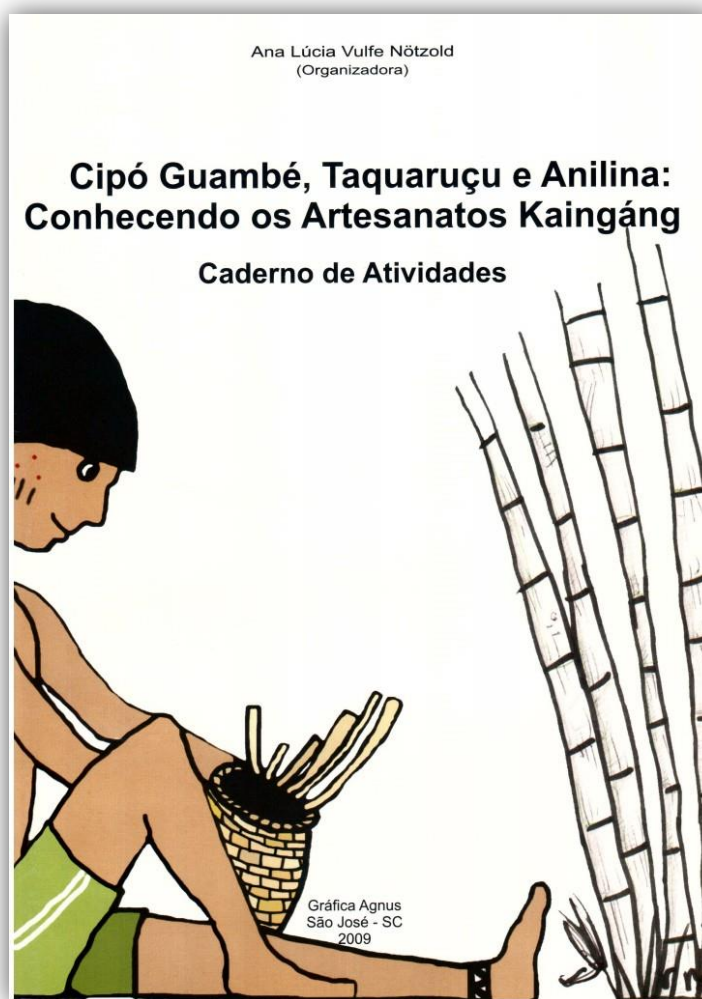


Livro 3. História e cultura Xokleng : Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ : Florianópolis : Pandion, 2011, 56 p.(Tiragem de 500 exemplares)

3. NÖTZOLD, A. L. V.(Organizadora). Cipó Guambé, Taquaruçu e anilina: conhecendo os artesanatos Kaingáng/Caderno de Atividades. São José: Agnus, 2009, 49 p.

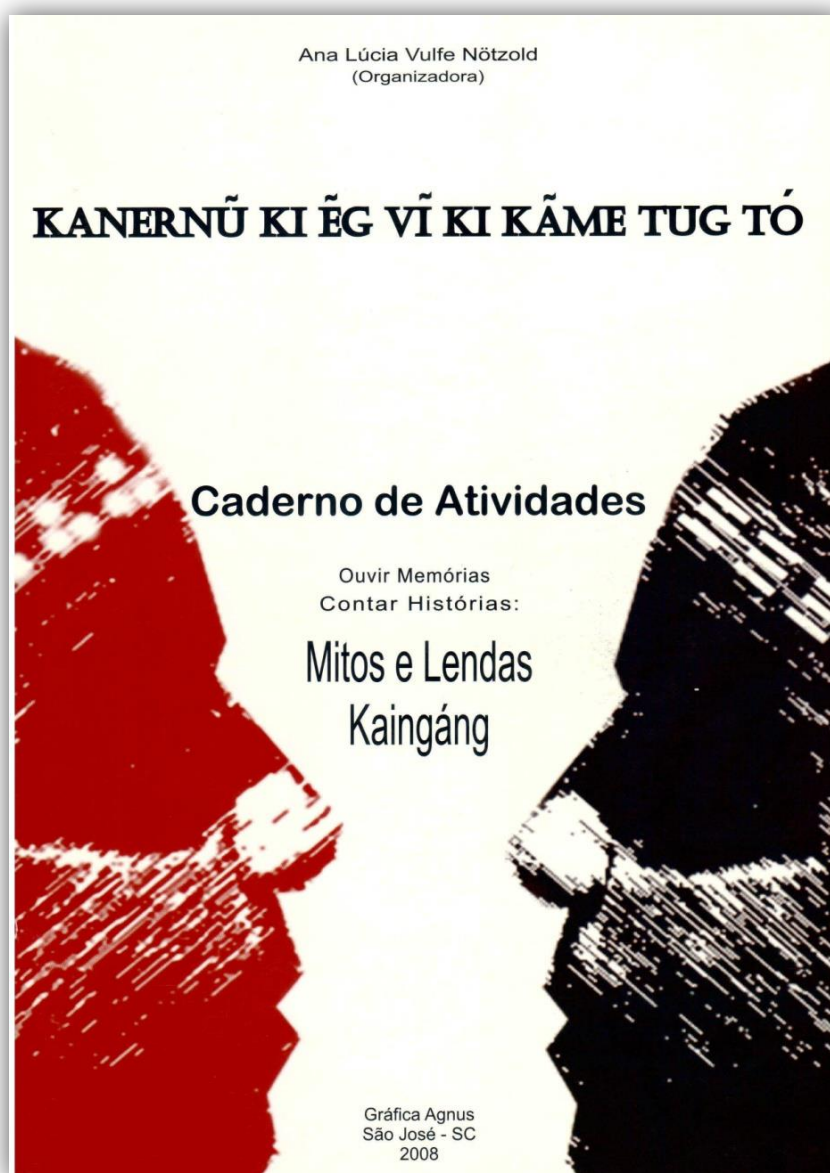
Elaborado em coautoria com professores Kaingang, desenvolve atividades educativas sobre a cultura material Kaingang, com palavras cruzadas, caça palavras, labirintos, desenhos para colorir, jogo dos 7 erros e outras brincadeiras para aprender sobre a cultura Kaingang, se divertindo. As atividades foram desenvolvidas em forma de oficinas e a editoração e capa desenvolvida pela equipe de bolsistas do LABHIN.

Financiamento: PROEXT-MEC-SESu 2007 e Probolsa-UFSC. (Tiragem de 1000 exemplares)

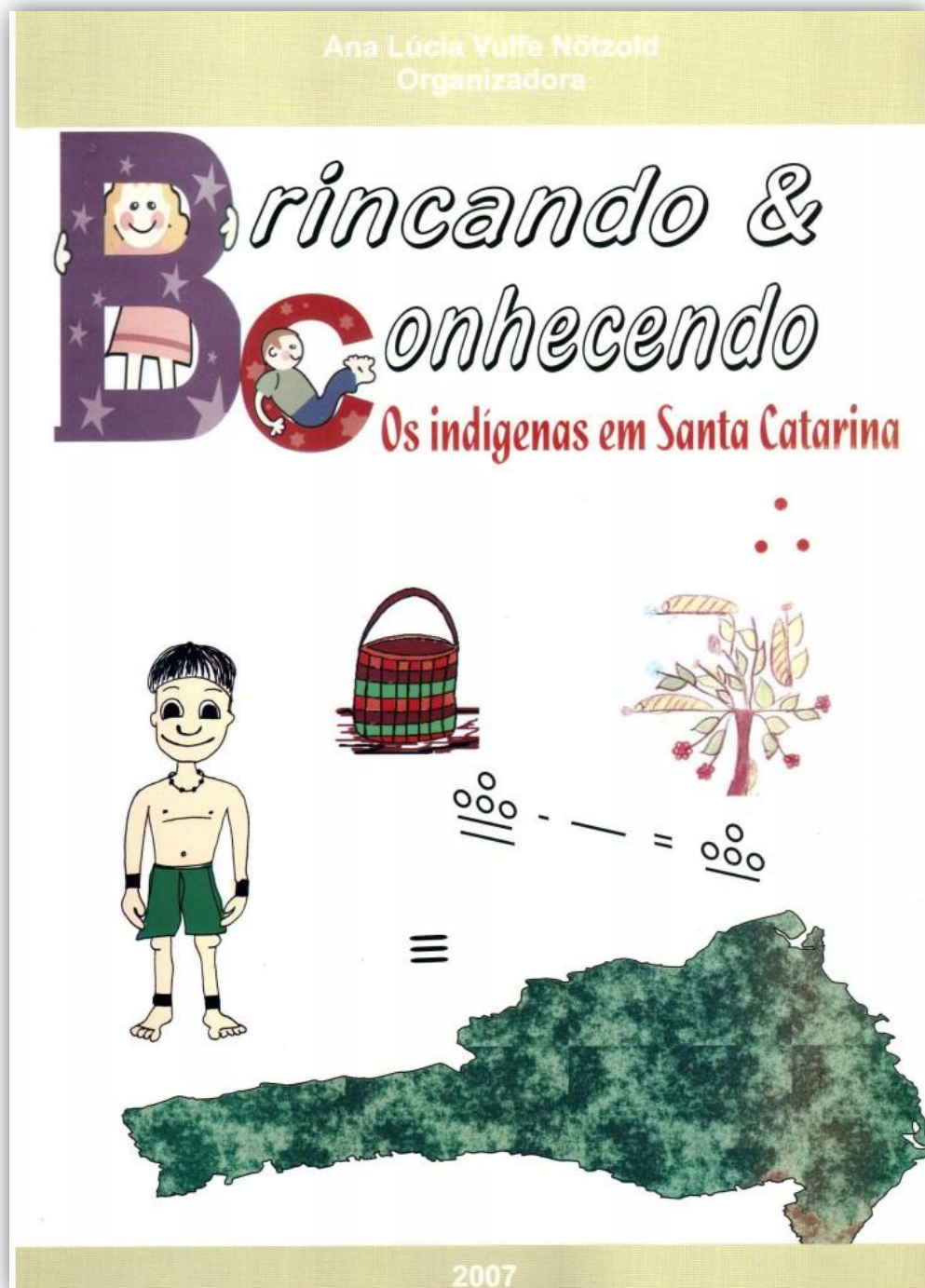


4. NÖTZOLD, A. L. V. (Organizadora). KANERNU KI EG VI KI KÃME TUG TÓ Mitos e Lendas Kaingáng. Caderno de Atividades. São José : Agnus, 2008, 60 p.

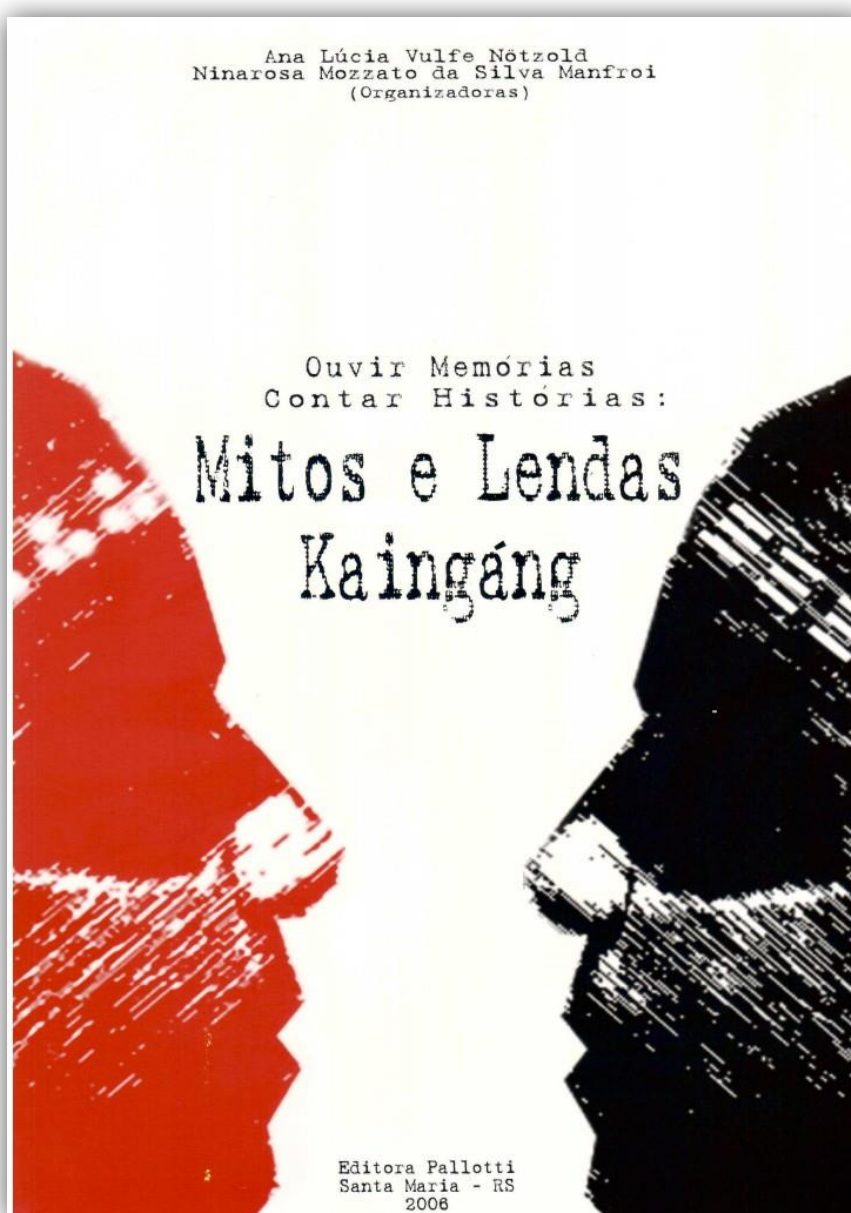
Elaborado pelos professores bilíngues da Terra Indígena Xaçecó, com atividades na língua Kaingang tais como: leitura e interpretação de textos, exercícios matemáticos, desenhos para colorir, além de cânticos na língua Kaingang que são praticados nas atividades escolares visando um maior aprendizado por parte dos alunos. Foi uma iniciativa dos professores e serve como um livro de atividades que acompanha os Mitos e Lendas Kaingang, publicado em 2006. (Tiragem de 1500 exemplares)



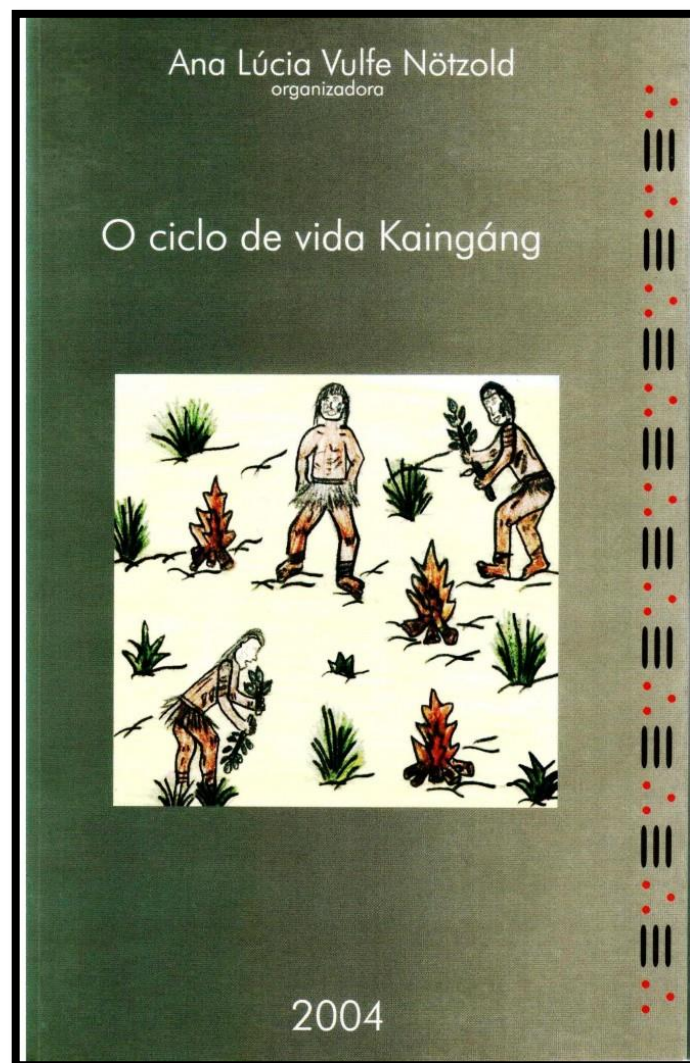
5. NÖTZOLD, A. L. V. (org). Brincando e conhecendo os indígenas em Santa Catarina. Florianópolis: Gráfica da UFSC, 2007, 48 p. Desenvolvido pela equipe de bolsistas do laboratório e pós-graduandos, tendo o apoio dos professores indígenas nas ilustrações. **Financiamento: Proextensão e Probolsa UFSC (2006-2007)** (tiragem de 1000 exemplares)



6. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, N.M.S. Ouvir Memórias Contar Histórias: Mitos e lendas Kaingáng. Santa Maria : Pallotti, 2006, 51 p. Livro bilíngue e colorido. Através do relato de memória dos velhos da comunidade indígena, professores registram e ilustram sobre seus Mitos e Lendas. Foram realizadas várias oficinas de 40 horas-semanais no ambiente das escolas da Terra Indígena. Todos são coautores. Registram o Mito do Surgimento do Povo, Rituais e lendas como Boitatá, Iara, Gavião Agourento, Curupira, entre outras lendas indígenas. **Financiamento: PROEXT-MEC-SESu 2005 e Probolsa-UFSC**



7. NÖTZOLD, A. L. V. (org). O ciclo de vida Kaingáng. Florianópolis : Imprensa da UFSC, 2004, 109 p. Em coautoria com professores Kaingang, registram as fases da vida: Nascer, Casar, Envelhecer e Morrer. **Financiamento: Proextensão e Probolsa 2003-2004. UFSC- Projeto: “Kaingang na conquista da cidadania”** (Tiragem de 1000 exemplares)



4.Publicação de capítulos de livros

1. ROSA, H. A.; NÖTZOLD, A. L. V. A educação Guarani e a presença da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça (SC): elementos de embate cultural In: História, Educação e Cultura Escolar.1 ed.Chapecó : Argos, 2012, v.1, pp.183-194.
2. NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A. Observatório da Educação Escolar Indígena Autogestão e processos próprios de aprendizagem:desafios para uma educação escolar indígena In: Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuiçõesao debate.1 ed.Porto Alegre : Pallotti, 2012, v.1, pp. 15-37.
3. SALVARO, Talita Daniel; NÖTZOLD, A. L. V. Palco de mudanças: a escola sede da Terra Indígena Xaçepó In: História, Educação e Cultura Escolar.1 ed.Chapecó : Argos, 2012, v.1, pp. 215-225.
4. ALMEIDA, C.S.; NÖTZOLD, A. L. V. Da imagem do outro à Nova História Indígena In: Historiografia 35 anos.1 ed.Florianópolis : Letras Contemporâneas, 2011, v.1, pp. 61-79.
5. NÖTZOLD, A. L. V.; BRIGHENTI, C. A. Movimento indígena brasileiro na década de 1970; construção de bases para o rompimento da invisibilidade étnica e social In: Movimentos Sociais e Participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina.1 ed.Florianópolis : Ed. da UFSC, 2011, v.1, pp. 37-58.
6. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, N. M. S. Introdução In: Ouvir Memórias, Contar Histórias: Mitos e Lendas Kaingáng ed.Santa Maria : Pallotti, 2006, pp. 13-17.
7. NÖTZOLD, A. L. V.; BELINO, A. Casar In: O ciclo de vida Kaingáng ed.Florianópolis : Imprensa da UFSC, 2004, pp. 31-39.
8. NÖTZOLD, A. L. V. Considerações finais In: O ciclo de vida Kaingáng ed.Florianópolis : Imprensa Universitária da UFSC, 2004, pp. 81-85.
9. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. Envelhecer In: O ciclo de vida Kaingáng ed.Florianópolis : Imprensa Universitária da UFSC, 2004, pp. 41-54.
10. NÖTZOLD, A. L. V.; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. Morrer In: O ciclo de vida Kaingáng ed.Florianópolis : Imprensa Universitária da UFSC, 2004, pp. 55-71.

11. NÖTZOLD, A. L. V.; NARZISO, A. P. Nascer In: O ciclo de vida Kaingáng ed.Florianópolis : Imprensa da UFSC, 2004, pp. 13-30.
12. NÖTZOLD, A. L. V.; VIEIRA, E. E. A ocupação do espaço In: Rio do sul uma história ed.Florianópolis : Fundação Cultural Rio do Sul, 2000, pp. 13-46.

5.Publicação de trabalhos em anais de eventos científicos

Sempre procurei participar de eventos científicos e apresentar os resultados das pesquisas na forma de trabalhos completos, resumos expandidos ou resumos de página única.

- ANPUH - Encontro Estadual de História
- ANPUH - Simpósio Nacional de História
- Congresso Brasileiro de Extensão universitária
- Congresso Internacional de História
- Encontro Regional Sul de História Oral
- Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História
- Semana da Pesquisa da UFSC
- SEURS – Seminário de Extensão Universitária da Região Sul
- SEPEX – Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão – UFSC
- Seminário do Observatório da Educação
- Seminário Internacional: Imigração e Relações Interétnicas
- Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH
- Simpósio de Colonização e Imigração

Como já anotado anteriormente, todas as atividades desenvolvidas por mim tem como objetivo principal a formação de recursos humanos, seja ao nível da graduação ou da pós-graduação. Assim sendo, praticamente todos os resumos e trabalhos completos publicados em anais tem uma característica em comum: a participação de pelo menos um estudante. A relação completa de todos os trabalhos publicados em anais de eventos científicos pode ser consultada no currículo Lattes. Na pasta de comprovação não constam todos.

Para este memorial, escolhi 3 publicações em anais de evento para serem apresentados com um breve comentário. Eles são simbólicos e foram escolhidos por razões bem específicas, que relato após cada citação.

1. MAIA, Delta Maria de Souza; NÖTZOLD, A. L. V. Educação Wapixana: ontem e hoje. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, 1999, Ijuí. Coleção Trabalhos acadêmicos científicos. Série eventos acadêmicos. Ijuí, Rio Grande do Sul Brasil: Editora UNIJUÍ, 1999. pp.467-475.

Foi minha primeira orientanda de mestrado a defender a dissertação e também a primeira orientada a ingressar no doutorado. Indígena, pertencente ao povo Wapixana, da Serra da Moça/RR. Protagonista, primeira historiadora do povo Wapixana realizava a pesquisa que se confundia com sua própria história de vida. A dissertação foi publicada em 2014, pela Editora da UFRR (*in memoriam*). Faleceu tragicamente, no decorrer do terceiro ano do doutorado.

2. NÖTZOLD, A. L. V. Os Tupinambá: a educação e o processo socializador In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, 1999, Ijuí. Coleção Trabalhos Acadêmicos científicos. Série Eventos Acadêmicos. Ijuí Rio Grande do Sul Brasil: Editora UNIJUÍ, 1999. v.1. pp. 392-400.

O texto integral foi publicado em minha primeira participação em evento nacional após o ingresso na UFSC como docente. Considero emblemático também o fato de ter sido uma das últimas vezes que me dediquei a abordar o tema de tese defendida, apresentando a educação tradicional dos Tupinambá a partir de seu cotidiano. Essa perspectiva de análise retornou mais tarde a ser tema de meus estudos, mas nas pesquisas com os Kaingang, voltada para uma abordagem etnohistórica.

3. ROSA, H. A.; NÖTZOLD, A. L. V.; BRINGMANN, S. F. História e cultura indígena a força da lei sobre a diferença In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. XXVII Simpósio Nacional de História Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal:Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. pp. 611- 633.

Escolhi este texto integral, com a participação de dois orientandos de doutorado, por duas razões: por ter sido apresentado após a criação da linha de pesquisa História Indígena, Etnohistória e Arqueologia e o fato de que logo a seguir o departamento de História criou a disciplina de História Indígena como obrigatória no Curso de Bacharelado e Licenciatura História (2014.1), cumprindo a Lei 11.645/2008. Considero este também um marco positivo na minha carreira profissional e na luta por políticas de inclusão.

6. Material didático

Dentre os mais diversos materiais produzidos em parceria com os professores indígenas que habitam em Santa Catarina, realço a produção a partir dos projetos do Observatório da Educação – OBEDUC. A realização das oficinas com os professores indígenas possibilita a sistematização de produções na língua Kaingang que servem de suporte e na maioria das vezes se constitui em único material de apoio aos professores.

1. Alfabeto Kaingang (2013)

Confeccionado em formato de banner e material resistente (lona), medindo 50x90 apresenta as letras do alfabeto, em caracteres maiúsculas, minúsculas, acentuações e os números até 6. Foi distribuído para cada sala de aula, sala de professores e biblioteca das escolas da Terra Indígena Xapecó.

 **ËG VĨ KI RÁ** //
ëg vĩ ki rá

A <i>a</i>	Y <i>y</i>	E <i>e</i>	I <i>i</i>	O <i>o</i>	U <i>u</i>
Ã <i>ã</i>	Ỹ <i>ỹ</i>	Ë <i>ë</i>	Ĩ <i>ĩ</i>		Û <i>ũ</i>
Á <i>á</i>		É <i>é</i>	~	Ó <i>ó</i>	'
F <i>f</i>	G <i>g</i>	H <i>h</i>	J <i>j</i>	K <i>k</i>	M <i>m</i>
	N <i>n</i>	NH <i>nh</i>	P <i>p</i>	R <i>r</i>	
		S <i>s</i>	T <i>t</i>		
		V <i>v</i>	,		
1 PIR	2 RËGRE	3 TËG TÛ	4 VËNHKËGRA	5 PËNKAR	6 PËNKAR MRË Õ PIR

2. Alfabeto Móvel (2014)

Assim denominado pela equipe de professores Kaingang, composto por consoantes, vogais, sinais e números. Confeccionado em tamanho A4, folhas individuais para cada símbolo, em papel cartão. Material utilizado como apoio pedagógico no momento da alfabetização na língua Kaingang, pois os textos e ilustrações aproximam-se da realidade dos estudantes indígenas. Quando do ensino das letras e grafia, o material é perfurado na parte superior, passa-se um cordão e é dependurado na sala de aula. Foram entregues os Kits para todas as salas.



3. **Caderno Pedagógico POVO KAINGANG Vi TO VÊNH RÁ.** Nova Letra, 2014, 140 p.

Organizado a partir das Oficinas com os Professores Kaingang para atender do 1^o ao 4^o ano do Ensino Fundamental. Todo na língua Kaingang.



7. Jogos educativos

Os materiais apresentados a seguir não constam na Resolução Normativa nº 40/CUn/2014, de 27 de maio de 2014 para a promoção da Carreira do Magistério Superior – Classe E - Titular de Carreira, entretanto decidi por elencá-los, pois considero relevante a elaboração de tais materiais para a inclusão social e divulgação da cultura indígena.

- 1. JOGO DE MEMÓRIA KAINGANG: uma maneira lúdica de preservar.** NÖTZOLD, A.L.V.; MANFROI, N.M.S. Florianópolis, 2005. Imprensa UFSC. Composto por 25 peças duplicadas, contendo ilustrações sobre a cultura material Kaingang (artesanatos e matéria prima). Bilíngue: kaingang-português. Acompanha livrinho de 63 p. para colorir e a embalagem é em pano que remete à fibra de urtiga tecida e usada pelos Kaingang como vestimenta. **Financiamento: Proextensão e Probolsa UFSC (2005)** (tiragem de 2000 exemplares).



2. **Jogo Dominó Kaingang.** NÖTZOLD, A.L.V.; SILVA, J. C.; SILVA, L.M. 2011. Composto por 28 peças retangulares, com 7 figuras diferentes (arco e flecha; braçadeira; cocar; colar; flauta; lança; peneira) representando elementos da cultura material e formando várias combinações. No verso das cartas estão as marcas tribais. Material ilustrado pelos estudantes indígenas e adaptado pelos acadêmicos bolsistas do LABHIN. Embalado em caixa com as cores que identificam os Kaingang (preto e vermelho). Acompanha folheto com as regras para jogar. **Financiamento: PROEXT-MEC-SESu 2009 e Probolsa-UFSC** (tiragem de 500 exemplares).



3. **Trilha Caminhando com os Kaingang.** NÖTZOLD, A.L.V.; SILVA, J. C.; SILVA, L.M. 2011. Acompanha o jogo: 32 cartas-pergunta; tabuleiro; dado e regras para os jogadores. Material educativo. Embalado em caixa decorada. **Financiamento:** PROEXT-MEC-SESu 2009 e Probolsa-UFSC (tiragem de 500 exemplares).



III – ATIVIDADES DE EXTENSÃO

1. Participação e organização de eventos e cursos

1.1. Atividades de extensão

São inúmeras as atividades de participação e organização de eventos e cursos do qual participei nestes anos de Universidade. Essas atividades, em sua maioria foram registradas no Sistema de Registro de Extensão, pois envolviam atividades com as comunidades indígenas, professores, acadêmicos da graduação e pós-graduação, portanto geralmente emitimos certificados aos participantes. Tornar-se-ia altamente exaustivo fazer a relação de todas as atividades, cursos, mostras fotográficas, seminários, mesa redonda, oficinas de produção de material didático, posteriores correções e finalizações, palestras, que organizei e coordenei. Estas atividades são indissociáveis do ensino, da pesquisa, da extensão, da promoção de políticas públicas e de inclusão. Todas constam na relação de comprovantes das atividades, entretanto escolhi doze (12) que passo a relatar, pois considero que são representativas nas ações por divulgação da história e cultura indígena e melhoria na educação para as populações indígenas.

Saberes compartilhados: ensino e tradição na educação escolar indígena

Protocolo nº: 2015.2994

Através de oficinas e atividades de pesquisa com a comunidade Kaingang da Terra Indígena Xapecó e a participação das 09 escolas localizadas na referida terra, organizar, sistematizar e publicar histórias e literatura indígena, incentivando a escrita, leitura e interpretação.

Vivências com Projetos – Palestras

Protocolo nº: 2014.1291

O objetivo desta atividade foi de proporcionar à comunidade acadêmica em geral, a oportunidade de conhecer experiências de pesquisa e demais trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da temática indígena, professores e lideranças indígenas, visando reforçar os conhecimentos práticos e teóricos adquiridos ao longo de sua vivência acadêmica e profissional.

Palestrantes: Profa. Dra. Luisa Tombini Wittmann-UDESC

Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi-UFRGS

Profa. Dra. Rosângela Célia Faustino-UEM/PR

Troca de experiências de alfabetização na língua materna

Protocolo nº: 2013.428

Através de visita à Terra Indígena Nonoai/RS, proporcionar aos bolsistas Kaingang o conhecimento de outra realidade educacional, em uma unidade escolar no interior de uma terra indígena no RS. Apresentação de atividades e material desenvolvidos e aplicados em aula. Essa atividade envolveu os professores bolsistas do projeto do Observatório da Educação, graduandos e pós-graduandos. Viabilizou a troca de experiências, troca de materiais produzidos e estabeleceu-se parceria entre as escolas indígenas.

Oficina Povo Kaingang Vi To Venhá

Protocolo nº: 2013.6145

Oficina pedagógica de elaboração de material didático com os professores bilíngues das escolas da TI Xaçecó/SC. Elaboração de material de apoio aos professores das 09 escolas da T.I.Xaçecó, na língua Kaingang, para os primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental.

Autogestão e processos próprios de aprendizagem: desafios para uma educação escolar indígena com autonomia. Mesa Redonda

Protocolo nº: 2012.2536

Apresentação dos resultados do projeto do Observatório da Educação Escolar Indígena, nas comunidades indígenas envolvidas: Guarani, Kaingáng e Xokleng/Laklãnõ e lançamento de livros.

Seminário Etnohistória, História Indígena e Educação: as possibilidades na escola

Protocolo nº: 2012.4793

Realização de debates e oficinas em torno da temática indígena em diferentes espaços e lugares viabilizando a troca de experiências entre pesquisadores, docentes, acadêmicos indígenas e não indígenas e professores da educação básica. Foi realizada uma oficina sobre a aplicabilidade da Lei 11.645/2008, 03 mesas redondas com divulgação dos resultados das pesquisas e o lançamento do livro “Etnohistória, História Indígena e Educação: as possibilidades na escola”. Todas as atividades foram realizadas no auditório e no mini-auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC.

**Oficina Pedagógica com os Professores da Escola Indígena de Educação Básica
Cacique Vanhkrê**

Protocolo nº: 2010.2211

Perceber a importância do Projeto Político Pedagógico da escola como um instrumento de identificação, fundamentação e autonomia da escola, visando proporcionar aos estudantes indígenas uma educação diferenciada de qualidade. A partir do diagnóstico realizado nas escolas pelo OEEI e dos índices apontados no Censo Escolar foi realizado com os professores das escolas, estudo de texto sobre planejamento e avaliação. Trabalho em equipes para planejamento de atividades considerando os conteúdos e avaliações que já são realizadas na prática de sala de aula e quais são as possíveis inovações. Montagem de um painel com as atividades realizadas. Composição do planejamento anual curricular do PPP. Levantamento dos instrumentos de avaliação.

**Oficina Pedagógica com os Professores da Escola Indígena de Educação Básica
Laklãnõ**

Protocolo nº: 2010.3530

**Oficina Pedagógica com os Professores da Escola Indígena de Educação Básica
Wherá Tupã Poty D'Já**

Protocolo nº: 2010.347

Oficina de produção de material didático-pedagógico: cultura material Kaingáng

Protocolo nº: 2008.1684

Através de uma oficina com os professores Kaingáng da Terra Indígena Xapecó (SC) e membros da comunidade indígena, elaborar e produzir atividades que foram organizadas em forma de um Caderno de Atividades sobre a cultura material para ser utilizadas como apoio nas aulas de Artes Kaingáng.

O LABHIN em interação com a sociedade

Protocolo nº: 2005.0489

Divulgar as atividades desenvolvidas pelos acadêmicos do Labhin, propiciando a interação da sociedade com as populações indígenas, através de visitas e diálogos com alunos do ensino médio.

"Índio" esse sujeito desconhecido: os entraves da lei e o direito indigenista

Protocolo nº: 2005.0554

Essa atividade foi realizada pelo Centro Acadêmico de História –CA, da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC e eu fui convidada como palestrante. O Evento era: “Dia do Índio: o que eu tenho com isso?” e aconteceu no dia 19 de abril de 2005. Desde muito cedo após a criação do LABHIN passamos a desenvolver atividades visando diminuir a invisibilidade dos indígenas e conscientizar a sociedade sobre os direitos indígenas.

1.1.1. Cursos professores indígenas

Exerci, a convite da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, entre os anos de 1999 e 2006, a docência em alguns cursos para professores indígenas, Kaingang e Xokleng. Os cursos compreendiam uma “capacitação” assim designada pela secretaria, cujos temas variaram entre educação ambiental e subsídios para a prática pedagógica. A partir de um maior envolvimento entre a equipe do LABHIN e os Kaingang passamos a organizar/ofertar cursos/oficinas para os professores indígenas. Essas atividades acontecem até os dias atuais, dentro da Terra Indígena, evitando deslocamento e com uma economia significativa em deslocamentos e diárias, pois os cursos anteriores eram realizados em cidades litorâneas(Balneário Camboriú/Itapema).

1.1.2. Curso para professores não indígenas

Logo após meu ingresso na UFSC (1998), fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis para ministrar um Mini-curso de 08 hs para os 40 professores da rede municipal cujo tema foi: “Um olhar sobre os índios do Brasil: o ponto de vista francês”. Nesta oportunidade abordei o tema pesquisado e desenvolvido durante meu doutorado.

1.2.Estande na SEPEX

Participamos da primeira SEPEX, Semana do Ensino, Pesquisa e Extensão (2000) e seguimos por 13 anos consecutivos, com a montagem de estande, apresentação de resultados em forma de banner, aplicação de atividades lúdicas para os estudantes das escolas durante a visitação, organização de minicursos, possibilitando ao público em geral o conhecimento da cultura indígena.

Nas últimas edições, não temos participado da SEPEX na UFSC, pois no mesmo período organizamos atividades similares nas escolas da Terra Indígena Xaçupé. Compartilhamos com os indígenas os resultados das pesquisas, fazemos o lançamento dos

materiais produzidos e realizamos o planejamento das atividades para o ano seguinte. São momentos em que os membros da comunidade se veem nos resultados da pesquisa, se mantêm informados sobre o que a academia está produzindo, são protagonistas e sujeitos dessa nova história. Os trabalhos que foram apresentados pelos integrantes do laboratório em eventos científicos, são apresentados para a comunidade. É uma forma de retorno e compartilhamento, pois eles sabem que não são vistos como objetos de estudo e sim integrantes e parceiros das atividades de pesquisa.

Além do momento acadêmico propriamente dito, também realizamos confraternização através de refeições com comidas tradicionais, apresentação de grupos de danças, cantos de músicas na língua Kaingang, entre outras atividades.

Toda a comunidade indígena é convidada, bem como as Secretarias de Educação Municipal e Estadual. São oportunidades de visibilizar a cultura e de fortalecimento de identidade Kaingang.

As atividades estão demonstradas em algumas fotos de caráter ilustrativo das atividades do I e do II Seminário do Observatório da Educação, realizados em forma de evento itinerante, nas três maiores escolas da Terra Indígena Xaçupé: Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, situada na aldeia Jacú; Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro, situada na aldeia Paiol de Barro e Escola Indígena de Ensino Fundamental Pinhalzinho, localizada em aldeia de mesmo nome.











2. Iniciativas promotoras de inclusão social e promoção de políticas públicas

Tenho desenvolvido atividades que considero relevantes para a promoção de políticas públicas, diminuição da desigualdade social e inclusão social e a maioria delas constam na relação de comprovantes, mas destaco algumas iniciativas que resultaram e resultam em atividades de muito êxito.

2.1. Atividades voluntárias na Secretaria de Educação de Santa Catarina-SED

Desde 2001 passei a desenvolver consultoria de forma voluntária, para a Secretaria de Educação de Santa Catarina, seja como ministrante de curso, oficina, produção de material didático específico e diferenciado para as escolas indígenas, do Ensino Fundamental e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Isso proporcionou que eu conhecesse a realidade da Educação Escolar Indígena e passasse a lutar pela melhoria das condições de ensino para os indígenas.

2.2.Participação na CIESI

A Comissão Interinstitucional para a Educação Superior Indígena - CIESI foi uma comissão vinculada ao Gabinete do Reitor (GR) e à Pró-Reitoria de Graduação da UFSC para realizar o detalhamento do Programa de Licenciaturas dos Povos Indígenas do Sul da Mata Atlântica, cuja comissão era composta por servidores da UFSC, representantes da Sociedade Civil e Movimento Indígena. A Portaria de criação data de 2007, mas as reuniões aconteceram durante anos anteriores e em 2007 conseguimos o respaldo da Instituição – UFSC- para elaborarmos um Projeto Político Pedagógico visando a criação e implementação do primeiro curso para indígenas na UFSC. Em 2009 assumi a Coordenação da Comissão e encaminhamos projeto concorrendo ao Edital do PROLIND.

2.3.Coordenação do PROLIND e da Licenciatura Intercultural Indígena

A aprovação do Edital ao PROLIND – Pró-licenciatura indígena - significou a materialização do Curso, pois contemplava recursos para os 4 anos, desenvolvido adotando a Pedagogia da Alternância: Tempo Universidade-Tempo Comunidade. Vários setores da UFSC foram envolvidos para viabilizar essa licenciatura. Primeiramente a apresentação aos diversos Departamentos de Ensino, consultando-os sobre a participação e submetendo aos colegiados e buscando aprovação para a codificação das disciplinas, pois era necessário envolver o maior número possível de departamentos para viabilizarmos a participação dos professores que deveriam ministrar as disciplinas. A aprovação no PROLIND não garantia a abertura de vagas para concursos, embora tenhamos sido aprovados também no sistema REUNI. Após a consulta aos Departamentos de Ensinos, passamos pelo Conselho de Unidade e o Curso ficou vinculado ao Departamento de História e ao Departamento de Antropologia. Aprovação obtida e encaminhou-se ao CUn – Conselho Universitário e à Câmara de Ensino de Graduação.

O vestibular foi específico, com questões de História, Geografia, Legislação Indígena e redação na língua indígena (Guarani, Kaingang ou Xokleng). Foram 404 inscritos, para 120 vagas distribuídas entre os três povos. As aulas iniciaram em fevereiro de 2011.

Adotando a Pedagogia da Alternância: Tempo Universidade-Tempo Comunidade, os acadêmicos indígenas, e na sua maioria, já professores em suas comunidades puderam se habilitar em uma licenciatura específica.

Abrangência: Povos do Sul da Mata Atlântica: tivemos acadêmicos dos estados de RS, SC, SP, ES.

Habilitação

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Eixo Norteador

Territórios Indígenas: Questões Fundiárias e Ambiental no Bioma Mata Atlântica

Terminalidades

Licenciatura da Infância – formação inicial comum habilitando à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental

Humanidades: Ênfase Direitos Indígenas

Linguagens: Ênfase Línguas Indígenas

Conhecimento Ambiental: Ênfase em Gestão Ambiental

Duração

3348h/aula – 4 anos – 8 semestres

2.4.Seminários Educação Superior

Destaco 4 Seminários de Políticas de Ensino Superior como sendo atividades para desenvolvimento de políticas públicas e de inclusão, pois nesses eventos os indígenas participaram como protagonistas, sendo parceiros na criação e avaliação das políticas vigentes. Foram 16 Universidades que tiveram seus projetos aprovados no PROLIND-2009 e a UFSC foi a única contemplada na região sul e sudeste. Esse marco deve ser celebrado como o reconhecimento de uma caminhada pelo fim da invisibilidade indígena, para podermos dizer: - “Sim, há indígenas em Santa Catarina”.

- **Seminário Curso Licenciaturas dos Povos Indígenas do Sul da Mata Atlântica – Guarani, Kaingang e Xokleng**

Foi realizado em Florianópolis, de 08 a 10 de junho de 2009 e promovido pela CIESI, Comissão que eu coordenava. Já havíamos encaminhado a proposição do curso ao Edital PROLIND e trouxemos consultores de instituições que já estavam com os cursos em andamento, para pensarmos juntos a nossa licenciatura, Profa. Ana Maria Gomes (UFMG), Profa. Adir Casaro Nascimento (UCDB-UFMG) e Prof. Fábio de Almeida Carvalho (UFRR). Com a participação de 150 pessoas (lideranças indígenas, secretarias de educação, universidades e entidades civil) foi possível escutar os indígenas e montarmos uma proposta de curso que atendesse as necessidades das comunidades indígenas e que estivesse alinhado com as legislações vigentes.

- **Seminário de Políticas de Ensino Superior e Povos Indígenas: construindo as bases para uma política pública diferenciada de acesso e permanência**

Organizado pelo Ministério da Educação - MEC e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD e realizado entre os 7 e 9 de junho de 2010, em Brasília. Esses eventos eram significativos para a troca de experiências, pois éramos pioneiras e cada universidade estava trabalhando com o que podia e então nesses eventos trocávamos as experiências positivas, para marcarmos as ações futuras.

- **Seminário Interculturalidade e formação de Professores Indígenas: análise das experiências em curso**

Organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, Observatório da Educação Escolar Indígena – OEEI e realizado no período de 13 a 16 de outubro de 2010, em Belo Horizonte (MG) esse evento trouxe um significado mais amplo para o conceito de participação dos indígenas, pois cada coordenador de curso foi acompanhado por 01 representante discente, que participaram e conheceram também as realidades desafiadoras dos outros cursos que estavam em andamento. O representante discente que me acompanhou foi o Kaingang Getúlio Narciso.

- **Seminário Nacional de Educação Superior Indígena e XV Seminário de Formação Superior Indígena de Roraima**

Organizado pela Universidade Federal de Roraima – UFRR, Instituto INSIKIRAN e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, no período de 25 a 27 de outubro de 2010, em Boa Vista (RR). Fui acompanhada pelo representante discente José Benites, do povo Guarani. Participei da Mesa Redonda: Desafios de uma Educação Intercultural: diálogos de experiências, representando a região sul. A mesa foi realizada no primeiro dia do evento (25/10) das 16:15 às 18:00h e ao encerrar a mesa eu comuniquei que tínhamos 404 inscritos para o vestibular, pois as inscrições se encerraram naquele dia.

2.5.Delegada na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena

Realizada entre os dias 27/04/2009 a 02/05/2009, em Faxinal do Céu, no estado do Paraná, esta etapa regional da CONEEI, contou com a participação de 600 pessoas e tinha como objetivo debater e avaliar em profundidade a atual situação da educação intercultural e propor uma nova agenda política e de trabalho para o aprimoramento dos programas e ações

visando desenvolver de maneira sistêmica uma educação escolar associada aos projetos de futuro de cada comunidade e ao fortalecimento da cidadania indígena.

Particpei da etapa regional como representante da UFSC e lá fui escolhida delegada representando as Universidades Federais da região sul. A etapa nacional aconteceu em Luziânia (GO) entre os dias 16 a 20 de novembro de 2009, reuniu 604 delegados, 100 convidados e 100 observadores totalizando 804 participantes.

2.6. Organização e publicação das pesquisas dos TCCs dos orientandos da Licenciatura Intercultural Indígena

Em seu percurso escolar alguns acadêmicos demonstravam o desejo de que suas pesquisas atingissem de uma maneira positiva as atividades de ensino nas escolas. Após a conclusão dos TCCs, 4 textos foram selecionados e publicados para subsidiarem os professores indígenas. Houve a distribuição de exemplares para as 9 escolas da Terra Indígena Xapecó e a apresentação pelos autores, para a comunidade. O material publicado: “Cultura e tradição na voz dos protagonistas” contém os seguintes trabalhos de conclusão de curso:

- A formação do Kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó-SC de: Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi & Terezinha Guerreiro Ercigo;
- Casamento Kaingang: passado e presente da Terra Indígena Xapecó de: Claudemir Pinheiro;
- Brinquedos e brincadeiras antigas dos Guarani de Linha Limeira, TI Xapecó, SC de Silvones Martins;
- Infância Kaingang na Terra Indígena Xapecó-SC: saber e aprender de Valdemir Pinheiro.

IVa – COORDENAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA, ENSINO OU EXTENSÃO

Coordenei inúmeros projetos nestes 19 anos de UFSC. As minhas atividades são indissociáveis da pesquisa e extensão, portanto agrupei em um único item. Os projetos se desdobravam em outros projetos, conforme a equipe de bolsistas aumentava, logo, o mesmo financiamento, algumas vezes gerou mais de um material, conforme originalmente proposto no projeto. Curiosamente aprovei FUNPESQUISA em 1998 e a partir de 1999, quando passei a atuar junto às comunidades indígenas, não mais consegui aprovação nesse tipo de edital, somente em editais de extensão. Isso só mudou com a aprovação nos editais do Observatório da Educação, que são requisitos exigidos a relação pesquisa-comunidade externa à instituição. A seguir são apresentados somente os projetos aprovados no âmbito dos Editais de Pesquisa e Extensão.

1.OBEDUC: Ensino, saberes e tradição: elementos a compartilhar nas escolas da Terra Indígena Xapecó/SC - O projeto visa o desenvolvimento de pesquisas nas escolas da Terra Indígena Xapecó, situadas nos municípios de Ipuacu e Entre Rios, no oeste do estado de Santa Catarina. A população é majoritariamente Kaingang (5.105 pessoas) e possui um grupo Guarani (111 pessoas). A Terra Indígena é composta por 16 aldeias distribuídas numa área de 15.623 hectares. São ao todo 09 escolas para atender a população, das quais 06 são escolas multisseriadas e apenas uma delas atende ao ensino médio, sendo a maior escola indígena do Estado de SC. Pretende-se realizar um levantamento das práticas tradicionais Kaingang relacionadas à identidade étnica e cultural nos conteúdos curriculares visando à elaboração de material didático bilíngue, específico e diferenciado para o auxílio das práticas pedagógicas na sala de aula, na formação de professores, do currículo para o Ensino Fundamental com ênfase nas séries iniciais e alfabetização. O desenvolvimento, as atividades de execução e os relatórios dos projetos estão previstos para 04 anos de duração, compreendendo de 2013 a 2017 e envolvem todos os professores e alunos da abrangência da T.I., lideranças, equipes de coordenação, bolsistas e colaboradores eventuais. Serão realizadas oficinas pedagógicas com os professores da T. I. e convidados com experiência específica visando a confecção e produção de material didático e acadêmico abrangendo os temas: rituais, ervas medicinais, ciclos de vida, alimentação, formas de uso da matemática, entre outros. A escola tem se apresentado como um espaço de revitalização e fortalecimento da cultura.

Financiamento: CAPES/DEB/INEP

Vigência: 2013-2017

2.OEEI: Observatório da Educação Escolar Indígena - Projeto desenvolvido em escolas indígenas dos três povos que vivem no Estado de Santa Catarina (Guarani, Kaingáng e Xokleng). O objetivo principal foi o levantamento de dados por amostragem, a partir de uma abordagem interdisciplinar visando à valorização dos professores indígenas como sujeitos dos procesos históricos e de ensino aprendizagem nos quais se inserem. Analisar os Projetos Políticos Pedagógicos-PPP; identificar a evasão escolar e seus motivos; perceber os mecanismos de interferência da escola na comunidade e da comunidade na escola; identificar o número de falantes e não falantes da língua materna nas escolas; acompanhar o processo de alfabetização; identificar o nível de formação dos professores indígenas. Além dessas atividades, as oficinas com os professores instrumentalizou-os para elaborarem os seus PPP e a fazer uma proposta de calendário específico e diferenciado, de acordo com sua realidade cultural.

Financiamento: MEC/CAPES/SECAD

Vigência: 2010-2013

3.Da arapuca ao futebol: o lazer Kaingáng através dos tempos - Através de estudos, entrevistas de história oral e oficinas com membros da comunidade Kaingáng este projeto visava valorizar a cultura e práticas indígenas a partir de um estudo etnohistórico das práticas culturais atuais, revitalizando as brincadeiras antigas, retomando práticas de lazer associadas às atividades cotidianas, tais como: caça, pesca e coleta. Recriar antigos brinquedos como, por exemplo: bola de futebol confeccionada com palha de milho, carrinhos feitos com sabugo, arapucas confeccionadas com taquaras destaladas e pequenos caniços para pescaria. As atividades com a comunidade Kaingáng, professores e alunos foi acompanhada pelos acadêmicos do LABHIN e sistematizada com a participação dos acadêmicos do Curso de Graduação em História, matriculados na atividade: LEHIND (Laboratório de Ensino de História Indígena). Os resultados foram são de natureza acadêmica, com atividades de ensino, pesquisa e extensão e na produção de novos conhecimentos e de relação com a sociedade, contribuindo para a inclusão social dos indígenas. Organizou-se a publicação do material.

Financiamento: PROEXT/MEC/SESu/DEPEM (2009)

Vigência: 2009-2011

4.Cipó Guambé, Taquaruçu e anilina: a cultura material Kaingáng como fator de inclusão social – O objetivo geral deste projeto foi proporcionar o conhecimento das práticas culturais Kaingáng, diminuindo preconceitos e promovendo inclusão social e cultural. Com o

auxílio de pessoas da comunidade da Terra Indígena Xapecó (SC) que confeccionam artesanatos e juntamente com os professores Kaingáng e as crianças da escola foram realizadas oficinas demonstrando as práticas e metodologias envolvendo as etapas de coleta, preparo e confecção dos artesanatos significativos da sua cultura material. Através do auxílio da memória dos velhos foi possível proporcionar a retomada e a prática do artesanato através da sua confecção, auxiliar na produção de pequenos textos referentes a essa temática e produzir material didático-pedagógico-bilíngue sobre os artefatos indígenas. Com os recursos naturais extraídos da mata, os Kaingáng confeccionaram os artesanatos. Os alunos acompanharam todos os processos e foram incentivados a se iniciarem na confecção. Essas etapas foram fotografadas e sistematizadas em exposição de fotografias, com o histórico dos objetos.

Financiamento: PROEXT/MEC/SESu/DEPEM (2007)

Vigência: 2007-2010

5. Kaingáng na conquista da cidadania: produção e elaboração de material didático-pedagógico sobre história indígena: BRINCANDO E CONHECENDO - O objetivo geral deste projeto foi divulgar a cultura dos povos indígenas de maneira lúdica, brincando e conhecendo para respeitar e valorizar. Através da parceria com os professores Kaingáng (oeste de SC) foi elaborado um material paradidático contendo atividades tais como: jogo de 07 erros, palavras cruzadas, ligar pontos, seguir a trilha, colorir, desenhar, elaborar pequenos textos.

Financiamento: Pró-extensão e Pró-bolsa/PRCE/UFSC

Vigência: 2007-2008

6. Ouvir memórias, contar histórias: mito, tradição e cultura na revitalização do patrimônio Kaingáng - (Produção e publicação de material didático-pedagógico-bilíngue) Formação permanente de pessoal para o sistema educacional articulado com a educação básica por meio da elaboração de cursos de educação continuada, produção de material pedagógico para professores em exercício nas redes públicas, voltado para as populações indígenas.

Financiamento: PROEXT/MEC/SESu/DEPEM (2005)

Vigência: 2005-2007

7. Kaingáng na conquista da cidadania: produção e elaboração de material didático-pedagógico sobre história indígena. Produção e publicação de livro em coautoria com os professores Kaingáng da TI Xapecó, sobre O Ciclo de vida Kaingáng (nascer, casar, envelhecer e morrer).

Financiamento: Pró-extensão e Pró-bolsa/PRCE/UFSC

Vigência: 2001-2004

8. Encontros e desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. A pesquisa com Relatórios de Presidentes da Província, Ofícios de Delegados e Subdelegados de Polícia; Registros de Órfãos consistia na transcrição (cópia) das fontes arroladas no Arquivo Público de Santa Catarina. Visava perceber as relações estabelecidas entre indígenas e colonos, a partir do contato e os conflitos pela terra. O relatório da pesquisa consta no anexo.

Financiamento: Pró-extensão e Pró-bolsa/PRCE/UFSC

Vigência: 1999

IVb LIDERANÇA DE GRUPOS DE PESQUISA

Ingressei na UFSC em dezembro de 1997 e no segundo semestre de 1998, em conjunto com a Profa. Thaís Luzia Colaço, demos os primeiros passos para a criação de um laboratório de pesquisa. Elaboramos um projeto de criação e protocolamos na secção de protocolos da UFSC sob o nº 23080.005774/98-49.

Qual a razão para a criação de um laboratório? No Departamento de História havia núcleos e grupos de estudos, mas decidimos criar um laboratório, pois em nosso entendimento um laboratório era mais amplo, envolvia as atividades de discussão de textos, produção acadêmica e se propunha a organizar acervos. Sim, seríamos um laboratório.

O LABHIN – Laboratório de História Indígena foi aprovado em reunião do departamento de História, em 05 de novembro de 1998 e consta como “Certificado” no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Tem como logomarca uma indígena grávida, representando a vida.



Do projeto inicial (vide comprovantes) alguns objetivos foram acrescentados, mas de maneira geral a filosofia era, e se mantém até hoje, enfatizar a formação de recursos humanos especializados na temática indígena. A profa. Thaís foi a primeira coordenadora, mas no primeiro semestre de 1999 pediu transferência para o Curso de Direito da UFSC e então assumi a coordenação do LABHIN, conforme consta nas Portaria 38/HST/99; Portaria 120/CFH/2010 e 174/CFH/2016.

O Laboratório de História Indígena - LABHIN - tem como objetivos:

- ✓ realizar estudo histórico sobre as populações indígenas;
- ✓ oportunizar aos alunos de graduação e de pós-graduação uma linha de pesquisa sobre as populações indígenas;
- ✓ incentivar a pesquisa histórica indígena;
- ✓ montar uma videoteca temática;
- ✓ usar a metodologia da etnohistória;
- ✓ refletir sobre o lugar do indígena na sociedade brasileira, percebendo a diversidade sócio-cultural e suas perspectivas de futuro;
- ✓ discutir as temáticas atuais que envolvem as questões indígenas;
- ✓ estimular o interesse social, inserindo a comunidade acadêmica no estudo das populações indígenas;

- ✓ promover atividades de extensão que contribuam para o aprofundamento dos debates sobre a questão indígena na atualidade, visando o conhecimento, a divulgação e o aprimoramento de vínculos da sociedade com as populações indígenas;
- ✓ estimular junto aos alunos de graduação e pós-graduação a participação nas diversas pesquisas e atividades do labhin;
- ✓ atender as reivindicações das comunidades indígenas com relação à memória, história e cultura.

Maiores informações: acessar www.labhin.ufsc.br

O LABHIN possui em seu acervo: artefatos da cultura material; entrevistas de história oral; mapas; documentários em dvd sobre a temática indígena, além de documentos arrolados durante as pesquisas em arquivos públicos, Museu do Índio e Funai de Paranaguá.

O desafio para a próxima década é aumentar o número de estudantes de mestrado e doutorado e proporcionar o aperfeiçoamento profissional na forma de estágios pós-doutorais, atividade ainda pouco exercida no LABHIN.

V - COORDENAÇÃO DE CURSOS OU PROGRAMAS DE GRADUAÇÃO OU PÓS-GRADUAÇÃO

Entre as atividades que considero mais prazerosa na Universidade é o contato com os acadêmicos, estar com eles, escutá-los, ajudá-los a enfrentar algumas dificuldades que encontram no percurso estudantil. Ser coordenadora de curso alia as atividades burocráticas e um lado mais humano no contato com os acadêmicos. Lembro-me que na época em que assumi a presidência do colegiado, que equivalia a coordenação de curso de graduação, passávamos por um período que havia um significativo número de trancamento do curso então eu pedi à secretária que encaminhasse para conversar comigo, cada acadêmico que solicitasse trancamento. Nessas conversas era possível, muitas vezes, reverter a solicitação de trancamento, pois os motivos iam desde a solidão que sentiam longe de casa, a falta de recursos e aqueles que não queriam mesmo continuar no curso. Por desconhecerem as possibilidades de bolsas pensavam em desistir e eu os esclarecia dos tipos de bolsas existentes. Eu acumulava também a coordenação de estágios e nesse período fizemos vários convênios para campos de estágio não obrigatório, com bolsa.

Exerci por duas ocasiões a coordenação de cursos de graduação.

Coordenadora de Curso de Graduação em História: Presidente do Colegiado (1998)

Considero que foi meu primeiro grande desafio na administração, pois eu estava em início de carreira e fui eleita subchefe e coordenadora do curso, assumindo, portanto a presidência do Colegiado.

Coordenadora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (2010)

Exerci a coordenação da primeira turma do Curso considero como sendo o maior projeto de inclusão social realizado pela UFSC, pois ingressaram 120 acadêmicos, via vestibular específico.

VI – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSOS, DE MESTRADO OU DE DOUTORADO

De acordo com as normas que regem a progressão funcional para Titular de Carreira, serão apresentados os comprovantes da participação em bancas de concurso, mestrado e doutorado. Todavia, ao total, participei de várias comissões, incluindo também bancas de exames de qualificação de mestrado e doutorado, além dos trabalhos de conclusão de curso. Considerando somente os itens solicitados, foi 1 participação em banca de concurso, 22 em bancas de mestrado e 5 em bancas de doutorado, as quais estão listadas abaixo.

1. Bancas de concursos

1. KLUG, J., NÖTZOLD, A.L.V; MOTA, L.T.; DIRKSEN, V. MACHADO, P.P. Banca Examinadora do Concurso Público para Provimento de cargos da Carreira do Magistério Superior, para o Quadro Permanente da UFFS no campo de conhecimento **História Regional e das Populações Indígenas**, 2009 (Universidade Federal da Fronteira Sul).

2. Bancas de mestrado

1. LAROQUE, L. F. S.; JASPER, A.; NÖTZOLD, A. L. V.; PEREIRA, W. S. Participação em banca de Emelí Lappe. Espacialidades Sociais e Territoriais Kaingang: TerrasIndígenas Foxá e Por Fi Gâ em Contextos Urbanos dos Rios Taquari Antas e Sinos, 2015. (Ambiente e Desenvolvimento) Centro Universitário Univates
2. BUENO, L. M. R.; DIAS, A. S.; MACHADO, J. S.; NÖTZOLD, A. L. V.; DARELLA, M. D. P.; BRINGMANN,S. F. Participação em banca de Lucas Bond Reis. Para uma História Jê Meridional na Longa Duração o Contexto em Alfredo Wagner (SC) e a sua inserção regional, 2015. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
3. NÖTZOLD, A. L. V.; FAUSTINO, R. C.; TASSINARI; A.M.I; NAGEL, L. M.; NODARI, ES. Participação em banca de Jeniffer Caroline da Silva. Bolas, brinquedos e jogos: práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC, 2014. (História) Universidade Federal de Santa Catarina
4. NÖTZOLD, A. L. V.; BERGAMASCHI, M. A.; BRIGHENTI, Clovis A.; NODARI, ES; PAIM; E. A. Participação em banca de Luana Máyra da Silva. Entre a tradição e a

- ressignificação: a cultura material Kaingnag na contemporaneidade Terra Indígena Xapecó/SC, 2014. (História) Universidade Federal de Santa Catarina
5. NÖTZOLD, A. L. V.; KLUG, J.; MOTA, L.T.; MACHADO, P.P. Participação em banca de Sandor Fernando Bringmann. Índios, colonos e fazendeiros: conflitos interculturais e resistência Kaingáng nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860), 2010. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
 6. CALDEIRA, A. D.; NÖTZOLD, A. L. V.; LINSINGER, I.; SOUZA, S.C. Participação em banca de Sérgio Florentino da Silva. A Etmomatemática dos M'BYa Guarani do Morro dos Cavalos: caminhos para a prática matemática. 2010. (Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina
 7. NÖTZOLD, A. L. V.; STADNIKY, H. P.; Mota. Participação em banca de Iraci Pereira Gomes. Os Xokleng do Rio dos Pardos, 2010. (História) Universidade Estadual de Maringá
 8. NÖTZOLD, A. L. V.; MONTYSUMA, M. F. F.; HENTZ, M. I.; FREIRE, J. R. B. Participação em banca de Helena Alpini Rosa. A Trajetória Histórica da Escola na Comunidade Guarani de massiambu, Palhoça/SC um campo de possibilidades, 2009.(Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
 9. NÖTZOLD, A. L. V.; FREIRE, J. R. B.; MONTYSUMA, M. F. F.; HENTZ, M. I. Participação em banca de Talita Daniel Salvaro. De geração em geração e o lápis na mão: o processo de revitalização da Língua Kaingang na educação escolar indígena/ Terra Indígena Xapecó/SC, 2009. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
 10. NODARI, ES; NÖTZOLD, A. L. V.; PAIM; E. A. Participação em banca de Jackson Alessandro Peres. Entre as matas de araucárias: cultura e história Xokleng em Santa Catarina, 2009. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
 11. NÖTZOLD, A. L. V.; SANTOS, S. C.; PAIM; E. A.; KLANOVICZ, J. Participação em banca de Ninaroza Mozzato da Silva Manfroi. A história dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó (SC) nos artigos de Antônio Selistre de campos: Jornal a Voz de Chapecó,1939/1952, 2008. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina

12. MONTYSUMA, M. F. F.; NÖTZOLD, A. L. V.; PARENTE, T.G; MELO, L.A. Participação em banca de Jeisa Rech. Memórias sobre namoros em Joinville na década de 1950, 2008. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
13. MONTYSUMA, M. F. F.; LAVERDI, R.; FALCAO, L. F.; NÖTZOLD, A. L. V. Participação em banca de Adriana Berreta. Quando a "cobra preta" (BR101) passou no fundo do meu quintal, 2007. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
14. NÖTZOLD, A. L. V.; MOTA, L.T.; MONTYSUMA, M. F. F.; Participação em banca de Marcos Antônio da Silva. Memórias que lutam por identidade: a demarcação da TI Toldo Chimbangue (SC) 1970-1986, 2006. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
KLUG. J.; NÖTZOLD, A. L. V.; STEIN, M. N. Participação em banca de Muriélle Silveira Boeira. 2005. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
15. VASCONCELOS, C. A.; NÖTZOLD, A. L. V.; Participação em banca de Meire Adriana da Silva. O movimento dos Guarani e Kaiowá de reocupação e recuperação de seus territórios em Mato Grosso do Sul e a participação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). 2005. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
16. NÖTZOLD, A. L. V.; MARTINS, P.; SELL, R. P. S.; MAIA, Delta Maria de Souza Participação em banca de Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann. O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo: a política indigenista através dos relatórios (1912-1926), 2005. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
17. NÖTZOLD, A. L. V.; MURARO, V. F.; SELL, R. P. S.; LAVINA, R. Participação em banca de Edna Elza Vieira. Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng, 2004. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
18. MURARO, W.; NÖTZOLD, A. L. V.; KLUG. J. Participação em banca de Maria Denise Bortolini. Entre o Temporal e o Eterno: corpos e sentidos nas Missões Jesuíticas do Paraguai – séc. XVII e XVIII. 2003. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina

19. NÖTZOLD, A. L. V.; OLIVEIRA, G. M.; SIGOLO, R. P.; MURARO, W. Participação em banca de Christiano Schaufert de Amorim. A arquitetura do silêncio: o indígena e a escrita nas relações de civilização e extermínio, 2002. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
20. NÖTZOLD, A. L. V.; SANTOS, S. C.; MURARO, W. Participação em banca de Delta Maria de Souza Maia. Os Wapixana da Serra da Moça: entre o uso e o desuso das práticas cotidianas (1930/1990), 2001. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
21. KLUG, J.; MARTINS, P.; NÖTZOLD, A. L. V.; Participação em banca de Rosilene Maria Alves. Se mostram de novo os bugres.. 2000. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
22. ISAIA, A.; SIDEKUN, A.; NÖTZOLD, A. L. V. Participação em banca de Léa Maria Ferreira Vedana. 1998. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina

3. Bancas de doutorado

1. NÖTZOLD, A. L. V.; BRIGHENTI, C. A.; FERNANDES, R. C.; LAROQUE, L. F. S.; BUENO, L. M. R.; WITTMANN, L. T.; DARELLA, M. D. P.; KLANOVICZ, J. Participação em banca de Carina Santos de Almeida. Tempo, Memória e Narrativa Kaingang no Oeste Catarinense: a tradição Kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem da Terra Indígena Xaçepó, 2015. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
2. NÖTZOLD, A. L. V.; PAIM, E. A.; Rocha, L.M; LAROQUE, L. F. S.; FERNANDES, R. C.; NAGEL, L. M.; NODARI, ES; WITTMANN, L. T. Participação em banca de Sandor Fernando Bringmann. Entre os índios do Sul: uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas Nonoai /RS e Xaçepó/SC(1941-1967), 2015. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
3. SANTOS, M. C.; HILBERT, K.; NÖTZOLD, A. L. V.; FLECK, E. C. D.; ROSA, R. R. G. Participação em banca de Aline Ramos Francisco. KAINGANG: Uma História das Interações entre Nativos e Ocidentais durante a Conquista no Sul do Planalto Meridional, 2013. (Programa de Pós Graduação em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

4. NÖTZOLD, A. L. V.; Mota; MACHADO, P. P.; RANGEL L.H.V.; SILVA, E. H.; WITTMANN, L. T. Participação em banca de Clovis Antonio Brighenti. O movimento indígena no oeste catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980, 2012. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina
5. MURARO, V. F.; FLECK, E. C. D.; SANTOS, M. C.; MARTINS, P.; NÖTZOLD, A. L. V.; SILVA, J. L. E.; ANTUNES, D. L. Participação em banca de Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann. O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927-1954), 2012. (Programa de Pós Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina

VII - ORGANIZAÇÃO E/OU PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE PESQUISA, ENSINO OU EXTENSÃO

1. Organização de eventos

- Comissão Executiva do XX Simpósio de História-ANPUH - 1999
- Comissão de Divulgação e Comunicação do XX Simpósio de História-1999
- Comissão Organizadora do XXVIII Simpósio Nacional de História- 2015
- Seminários LABHIN – 2008; 2012; 2013; 2014
- Seminário Internacional: Brasil 500 anos de Encontros e Desencontros-2000

Somam-se a estas atividades, os eventos elencados na relação de comprovantes, 3. Atividades de Extensão (1.1. Participação e organização de eventos), onde constam mesas redondas, organização de exposições, cursos, oficinas, entre outras atividades, todas devidamente registradas no Sistema de Registros de Extensão da UFSC e aprovadas pelo Coordenador de Extensão do Departamento de História.

2. Participação em eventos

Sempre procurei participar de eventos científicos e apresentar os resultados das pesquisas na forma de comunicação oral, coordenação de simpósio, organização de minicursos e oficinas. A maioria dos eventos foi organizada pela ANPUH– da qual faço parte como associada. A seguir relaciono alguns eventos que considero relevantes para a configuração da atual discussão sobre as populações indígenas.

- Apresentação Oral no XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis (2015). “Percepções e usos de produções didáticas em uma escola Kaingang”.
- XXXIX Semana Acadêmica de Biologia, FURB-Blumenau (2015). “Indígenas em SC cultura e natureza em perspectiva”.
- Apresentação Oral no IX Congresso Internacional de Etnohistoria, Arica - Chile.(2014). “Entre a legislação e realidade: práticas, saberes e burocracias na educação escolar indígena Terra Indígena Xapecó/SC”.
- Debatedora de Simpósio no IX Congresso Internacional de Etnohistória, Arica – Chile. (2014). “Protagonismo Indígena Latino Americano: contribuições para a História Indígena e para a EtnoHistória”.

- Apresentação Oral no XV Encontro Estadual de História, Florianópolis. (2014). “Ensino Saberes e Tradição: elementos a compartilhar nas escolas da Terra Indígena Xaçepó/SC”.
- Moderador no XV Encontro Estadual de História da ANPUH/SC "1964-2014" Memórias, Testemunhos e Estado, (2014). ST: “Indigenismo e Movimentos Sociais Indígenas”.
- 12ª SEPEX, (2013). (Estande) “LABHIN - Laboratório de História Indígena: Construindo a etnohistória”
- Palestrante na II Conferência Estadual de Educação de Santa Catarina II CONAE, Florianópolis. (2013). O Plano Nacional de Educação PNE na Articulação do Sistema Nacional de Educação: Participação Popular, Cooperação Federativa e Regime de Colaboração. Eixo II- Educação, diversidade, justiça social, inclusão e direitos humanos. Colóquio 2.6. “Educação Escolar Indígena e Territorialidade”.
- IV Seminário Observatório da Educação, Brasília. (2013). “Ensino, saberes e tradição: elementos a compartilhar nas escolas da Terra Indígena Xaçepó/SC”.
- Mesa redonda no XVI Congresso Brasileiro de Folclore, Florianópolis. (2013). “Mitos e Lendas: Histórias Reais e Histórias Falsas na Tradição Oral Indígena”.
- Coordenação de ST no XIV Encontro Estadual de História Tempo, Memórias e Expectativas, Florianópolis. (2012) “Memória e História os povos indígenas através dos tempos”.
- 10ª SEPEX, (2011). (Estande) “LABHIN - Laboratório de História Indígena: Construindo a etnohistória”
- Apresentação de Painel no 28º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, UDESC Florianópolis. (2010). "Cipó Guambé, Taquaruçu e Anilina: a cultura material Kaingáng como fator de inclusão social”.
- Mesa Redonda no Seminário Nacional de Educação Superior Indígena e XV Seminário de Formação Superior Indígena de Roraima. Boa Vista (2010). “Desafios de uma Educação Intercultural: diálogo de experiências”
- 9ª SEPEX, (2010). (Estande) “LABHIN - Laboratório de História Indígena: Construindo a etnohistória”
- Seminário de Políticas de Ensino Superior e Povos Indígenas: construindo as bases para uma política pública diferenciada de acesso e permanência. Brasília. (2010)
- Seminário Interculturalidade e formação de Professores Indígenas: analisando as experiências em curso. Belo Horizonte/MG (2010)
- Oficina no 27 Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, Santa Maria/RS. (2009). “Brincando e Aprendendo: conhecendo um pouco da cultura indígena”.

- Apresentação de Poster / Painel no 27 Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, Santa Maria. (2009). “Cipó Guambé, Taquaruçu e Anilina: a cultura material Kaingáng como fator de inclusão social”.
- Seminário Curso Licenciaturas dos Povos Indígenas do Sul da Mata Atlântica – Guarani, kaingang e Xokleng. Florianópolis (2009). “Contextualização CIESI”.
- Apresentação de Poster no 4 CBEU Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Dourados.(2009). “Cipó Guambé, Taquaruçu e Anilina: aprendendo sobre a cultura material Kaingáng através de brincadeiras”.
- Delegada na I Conferência Regional da Educação Escolar Indígena SUL. Faxinal do Céu/PR. (2009).
- Delegada na I CONEEI – Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Brasília/DF. (2009).
- Apresentação Oral no 9 Encontro das Nações: Brasil de todos os tons. Florianópolis. (2007). “Calça jeans, havaiana e cocar: como ser indígena no século XXI”.
- Coordenação de ST no IV Encontro Regional Sul de História Oral: Culturas, Memórias e Identidades, Florianópolis. (2007). “Identidade e Etnicidade”.
- Coordenação de ST no XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania, Florianópolis. (2006). “As populações indígenas: tempo, espaço, memória, sociabilidades e etnohistória”.
- Apresentação Oral no XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania, Florianópolis. (2006). “As transformações dos mitos e lendas Kaingáng no tempo e na memória Kaingáng”.
- Apresentação Oral no XXIV SEURS, FURG- Rio Grande/RS. (2006). “Ouvir Memórias, Contar Histórias: Mitos, Tradições e Cultura na Revitalização do Patrimônio Cultural Kaingáng”.
- Debatedora na Mesa redonda no Evento: “Dia do Índio: o que eu tenho com isso?” UDESC/Florianópolis. (2005).
- Comunicação oral no X Encontro Estadual de História. Florianópolis (2004). “Educação indígena: o fortalecimento étnico através da memória”
- Comunicação oral no IX Encontro Estadual de História. Florianópolis (2002). “Entre o nascer e o envelhecer: alguns rituais indígenas”
- Comunicação oral no Seminário Nacional: Imigração e Imprensa, São Leopoldo/RS. (2002). “Entre práticas e representações: as reações dos Xokleng e as notícias de jornais no vale do Itajaí”.
- Parâmetros em Ação – Educação Escolar Indígena. Itapema/SC. (2002)

- I Semana Acadêmica de História – Violência e Exclusão no Brasil: uma longa história. Criciúma/SC. (2001). “Questão indígena: olhares diversos”.
- Comunicação oral na Semana dos Povos Indígenas. Florianópolis (1999). “Representação, Identidade e Cotidiano Indígena”.
- IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História. Ijuí/RS (1999). “Os Tupinambá: a educação e o processo socializador”.
- Comunicação oral no XX Encontro Nacional de História. Florianópolis. (1998). “Povos indígenas e o contato”.
- Comunicação oral no XX Encontro Nacional de História. Florianópolis. (1998). “O jovem Carijó Essomericq: fascinação e conquistas...”.
- Mesa Redonda: “Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em História”. Florianópolis. (1998)
- Comunicação oral no VII Encontro Estadual de História. Florianópolis. (1998) “Cotidiano e Educação dos Jovens Tupinambá”
- 1ª SEPEX – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão, Florianópolis. (2000). (Estande)

VIII – APRESENTAÇÃO, A CONVITE, DE PALESTRAS OU CURSOS EM EVENTOS ACADÊMICOS

Realizei várias palestras, mas são poucas que possuo a devida comprovação, assim sendo, realço apenas aquelas comprovadas.

- Palestra no evento “Seminário Universidade e Educação Intercultural Indígena: experiências em diálogo, desafios para uma inclusão de qualidade, e construção de espaços para produção e trocas de saberes diversos”. PPGAS/UFSC. (2015)
- XXIII Seminário Estadual dos Orientadores educacionais de Santa Catarina, Florianópolis (2015). “Currículo e Educação: reflexões a partir das novas Políticas Educacionais sobre os Negros, Índios, Estudantes com Deficiência e Gênero.”
- Palestra “Extensão Universitária em Terras Indígenas” (2015). UFFS- Campus Laranjeiras do Sul/PR.
- XXXIX Semana Acadêmica de Biologia, FURB-Blumenau (2015). “Indígenas em SC cultura e natureza em perspectiva”.
- V Seminário Educação, Relações Raciais e Multiculturalismo, UDESC - Florianópolis. (2014). "Ensino de História Indígena e Educação Escolar Indígena".
- VIII Semana Acadêmica de Letras 90 anos: Osmar Lins, Florianópolis (2014). “Trajetórias e resultados do Laboratório de História Indígena na produção de material didático bilíngue”.
- Palestrante na II Conferência Estadual de Educação de Santa Catarina II CONAE, Florianópolis. (2013). O Plano Nacional de Educação PNE na Articulação do Sistema Nacional de Educação: Participação Popular, Cooperação Federativa e Regime de Colaboração. “Educação Escolar Indígena e Territorialidade”
- Mesa Redonda no Seminário Nacional de Educação Superior Indígena e XV Seminário de Formação Superior Indígena de Roraima. Boa Vista (2010). “Desafios de uma Educação Intercultural: diálogo de experiências”
- Seminário Interculturalidade e formação de Professores Indígenas: analisando as experiências em curso. Belo Horizonte/MG (2010)
- Ciclo de Palestra em “História em Debate”. CALH/UFSC (2009).
- Palestra “Índio esse desconhecido: os entraves da lei e o direito indigenista”. UDESC (2005).
- Parâmetros em Ação – Educação Escolar Indígena. Itapema/SC. (2002)

- I Semana Acadêmica de História – Violência e Exclusão no Brasil: uma longa história.
Criciúma/SC. (2001). “Questão indígena: olhares diversos”

IX – RECEBIMENTO DE COMENDAS E PREMIAÇÕES ADVINDAS DO EXERCÍCIO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

Relaciono a seguir duas homenagens que recebi enquanto professora e penso que ser escolhida no momento da finalização das atividades da graduação, é a demonstração de que, em algum momento do percurso acadêmico, eu fiz a diferença para aqueles alunos. Ser homenageada pelos formandos das Turmas Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng, sendo a patronesse foi uma emoção singular. A presença das famílias indígenas, pais, mães, avós, filhos foi sem dúvida, a experiência mais inesquecível da trajetória de lutas por políticas públicas para os indígenas. Estar no Centro de Eventos da UFSC, entregar os diplomas e ver a realização de sonhos em conjunto, com alegrias e lágrimas é inenarrável. Tive o sentimento da cidadania plena.

1. Patronesse do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica turma 2016
2. Professora homenageada pelos formandos de História em 2011 (sem comprovante)

X – PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES EDITORIAIS E/OU DE ARBITRAGEM DE PRODUÇÃO INTELECTUAL E/OU ARTÍSTICA

Atuei e atuo intensamente como revisor de artigos de vários periódicos. Para mim é quase uma rotina revisar manuscritos. Considero uma tarefa importante para a divulgação das pesquisas e a regularidade de publicação dos periódicos. Não sei quantos artigos já revisei e não tenho a comprovação de todos eles, mas faço essa atividade regularmente. Participo também no Conselho Editorial e Consultivo de Revistas. Alguns comprovantes estão anexados ao processo.

1. Conselho Consultivo

- Cadernos do CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (desde 2006)
- Revista Tempos Históricos – UNIOESTE – Campus Marechal Cândido Rondon

2. Conselho Editorial

- Revista Tempos Históricos – UNIOESTE – Campus Marechal Cândido Rondon (desde 2004)

3. Parecerista Ad-hoc

- PROEXT-MEC-SESu
- Editora da Universidade Estadual de Londrina – EDUEL
- Editora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
- TOPOI revista de História UFRJ
- Revista de Ciências Humanas da UFSC
- Revista História em Reflexão da Universidade Federal da Grande Dourados

XI – ASSESSORIA, CONSULTORIA OU PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS DE FOMENTO À PESQUISA, AO ENSINO OU À EXTENSÃO

Particpei em várias comissões de avaliação de atividades relativas ao Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Relaciono apenas algumas que considero significativas, pois representam o tripé: ensino, pesquisa, extensão.

- Comissão para efetuar a distribuição de Bolsas de Estágio – UFSC
- Comissão para efetuar a distribuição de Bolsas de Monitoria – UFSC
- Comissão de análise e julgamento das propostas institucionais submetidas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade - CAPES
- Avaliação de bolsistas de Iniciação Científica –UFSC
- Avaliação de Projetos de Pró Extensão do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC
- Avaliação de Relatórios de Projetos contemplados com recursos financeiros de Pró Extensão do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC
- Avaliação das propostas ao Edital PROEXT 2010 – MEC-SESu
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco - FAPESP

XII - EXERCÍCIO DE CARGOS NA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL E/OU COLEGIADOS CENTRAIS E/OU DE CHEFIA DE UNIDADE OU DO CAMPUS/SETORES E/OU DE REPRESENTAÇÃO

1. Colegiado do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Turma I e Turma II

Sou membro titular no colegiado do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, que está na segunda turma, com ingresso em 2016.

Nos anos de 2012 e 2015 integrei o Colegiado e o NDE – Núcleo Docente Estruturante da primeira Turma do Curso.

2. Colegiado do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História

Entre os anos de 1998 e 2015 participei diversas vezes como membro suplente e titular do Colegiado do Curso de Graduação e do NDE – Núcleo Docente Estruturante. Muitos pareceres foram emitidos sobre as mais diversas situações que rotineiramente encontramos nos cursos de graduação.

3. Coordenadora de Estágios dos Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena e História

- **Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica**

Ocupei a função de Coordenadora de Estágios da Licenciatura Intercultural Indígena acompanhando e verificando os registros de estágios no Sistema Acadêmico de Registro de Estágios – SIARE. O Curso não possui atividades de estágio não obrigatório, portanto eu não possuía a atribuição de buscar campos de estágios. Os acadêmicos realizaram os estágios obrigatórios em escolas de suas respectivas terras indígenas, sendo que o professor da disciplina de estágio é que realizava o acompanhamento.

- **Bacharelado e Licenciatura em História**

Fui Coordenadora de Estágios no Curso de Bacharelado e Licenciatura em História, entre os anos 1998-2004 e fui reconduzida em 2008, permanecendo até abril de 2012. Exercia tanto a coordenação dos estágios obrigatórios como dos não obrigatórios, através do SIARE.

4. Sub-chefia do Departamento de História

Fui eleita sub-chefe do Departamento de História em março de 1998, por um mandato de dois (02) anos, na companhia do Chefe do Departamento Prof. João Klug.

5. Representante do CFH junto à Câmara de Ensino de Graduação

Fui designada como representante do CFH junto à Câmara de Ensino de Graduação em 1998, com mandato de dois (02). Foi uma experiência incrível, pois tive a oportunidade de conhecer a legislação e na companhia de outros colegas da Câmara de Ensino participar da elaboração de diversos pareceres e conhecer internamente os bastidores da Instituição.

6. Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História

Ingressei no referido colegiado em 1998. Nunca mais saí e exerço esta função até hoje. São 18 anos de atuação ininterrupta junto ao Colegiado. Esta atuação duradoura me permitiu ter uma visão mais ampla do Programa e atualmente integro o Colegiado Delegado.

7. Comissão de seleção dos candidatos ao Programa e Comissão de Elaboração e Aplicação do Exame de Línguas Estrangeiras

Embora estes itens não façam parte propriamente dita de atividades ligadas à Administração Central, resolvi colocá-los porque os exerci tantas vezes e acho que eles merecem ser citados e destacados. Participei como membro da Comissão de Elaboração de Edital de Seleção, da Seleção propriamente dita de Alunos e fui membro da Comissão encarregada de Elaboração e Aplicação do Exame de Proficiência em Línguas Estrangeiras (Francês) do Programa de Pós-Graduação, desde 1998.

XIII - ATIVIDADES DE CUNHO SOCIAL E NÃO PREVISTAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POR EXEMPLO: ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, DE CLASSE, SINDICAIS E OUTROS

ANPUH – Associação Nacional de História – Seção Santa Catarina, associada desde 1998.

APUFSC-Sindical – Sindicato dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina – sindicalizada desde 1997.

DE TUPINAMBÁ A KAINGANG: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA INDÍGENA

Após a elaboração deste memorial e a apresentação/comprovação das atividades realizadas no meu percurso na UFSC, tenho a sensação de uma imensa satisfação e realização profissional.

Iniciei a “descoberta” dos indígenas movida pela curiosidade e o fascínio que eles exerciam nos franceses. No velho continente eu estudei e pesquisei os Tupinambá, povo que foi considerado extinto no início de século XVII. Por duas ocasiões os franceses lograram êxito nas tentativas de implantar colônias no litoral brasileiro: França Antártica, no século XVI, na Baía da Guanabara e a França Equinocial, no século XVII, no Maranhão. Essas colônias só foram possíveis devido às boas relações que os franceses mantinham com os Tupinambá. Povo guerreiro, inimigo dos portugueses e, portanto aliados dos franceses foram protagonistas de guerras e compelidos a fazer escolhas. Desconheciam o ferro, a pólvora e inúmeras doenças que os dizimaram. Foram registrados por viajantes, religiosos e curiosos, pois naquela época não realizavam etnografias. Existe uma vasta documentação sobre os Tupinambá e muitos estudos estão em andamento.

Os Kaingang, povo Jê, também guerreiro e habitante de um território histórico que se estende nas áreas de planalto, entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Terceiro povo mais numeroso do Brasil.

Quando ingressei na UFSC logo iniciei minhas pesquisas e procurei privilegiar as populações indígenas em Santa Catarina. Através de documentação primária, localizada no Arquivo Público do estado de Santa Catarina, os conflitos iam se descortinando nas páginas da documentação trocada entre Presidentes da Província e demais autoridades. Eram problemas entre indígenas e colonos, questões de terra, pagamentos aos indígenas por trabalhos prestados em abertura de estradas, entre outros.

Eu continuava resoluta em pesquisar os indígenas, mas numa perspectiva local, para visibilizar as questões que envolviam os indígenas e a colonização de Santa Catarina, através do projeto de pesquisa: “Encontros e desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina”.

Em meados de 1998, a Secretaria de Justiça e Cidadania de Santa Catarina entrou em contato com o departamento de História e solicitou a indicação de um professor do quadro para integrar uma Comissão visando organizar um evento dentro do contexto dos 500 Anos. Fui designada e passei a integrar um grupo composto por entidades governamentais e não

governamentais (antropólogos, políticos, membros da Funai, indígenas representantes dos 3 povos em SC, ONGs).

A Comissão organizou o I Fórum de debates das questões indígenas: “A Questão Indígena em Santa Catarina no Cenário dos 500 Anos”. Esse Fórum aconteceu nos dias 22 e 23 de abril de 1999, em Florianópolis e contou com a presença de 150 lideranças indígenas, representantes da Funai, Universidades e pesquisadores envolvidos em pesquisas referentes à temática. O Fórum pretendia inserir a questão indígena como prioridade no cenário das discussões pertinentes à chegada dos europeus no ano de 1500 e comprometer as entidades participantes e as lideranças indígenas com o encaminhamento prioritário das soluções propostas, visando a operacionalização através do Plano de Governo, entre elas a criação de um Conselho Estadual dos Povos Indígenas.

A exposição pelas lideranças indígenas da situação nas aldeias e suas expectativas de futuro, em nível de saúde, educação, sustentabilidade foram impactantes no público presente.

Ao final do primeiro dia eu estava decidida que iria procurar por alguma liderança e propor desenvolver um projeto.

Aos pouco fui conhecendo os Guarani, os Kaingang, os Xokleng. Anotava tudo e algumas falas foram desafiadoras, como cito: “O índio está sobrevivendo de teimoso, talvez tenha algum espírito de luta com Deus, por isso ele vive. Vivemos num tempo em que parece que o índio não existe”. Esse líder era o presidente do Conselho dos Caciques Kaingang, Sr. Orides Belino.

A seguir o cacique da Terra Indígena Xapecó, Sr Nilson Belino se manifesta: “A situação do indígena não é olhada com olhar de preocupação para ajudar, até hoje os índios têm sobrevivido por vontade própria e com lutas. Não precisamos de discursos bonitos, precisamos de uma solução. Isso sim”. Acrescenta mais tarde: “Há quinhentos anos éramos milhões e hoje somos 100 mil, 200 mil, 300 mil... Por que isso? Se alguém tiver uma resposta que me dê”.

Procurei por essas duas lideranças e me ofereci a desenvolver um projeto que fosse de interesse para a comunidade. Perguntaram se eu era antropóloga e eu respondi que não: sou historiadora. Eles responderam: “Nossos velhos estão morrendo e com eles a nossa história. É possível registrar em livros?” Foi assim que dos Tupinambá passei a pesquisar os Kaingang. Em agosto do mesmo ano realizei minha primeira saída de campo, a convite do cacique, fiquei uma semana conhecendo e sendo conhecida pelos professores e membros da comunidade e a partir deste primeiro encontro passamos a desenvolver os projetos visando atender as demandas sobre história, memória, educação. A Terra Indígena Xapecó, distante

cerca de 600 Km de Florianópolis, localiza-se no oeste do estado de SC, entre os municípios de Ipuçu e Entre Rios. É dividida em 16 aldeias e possui 9 escolas, para atender cerca de 1345 alunos indígenas.

Se os estudos de pós-graduação abriram um universo de conhecimento sobre os indígenas e as relações com os franceses, o meu cotidiano com os Kaingang vislumbram uma prática de confiança, reciprocidade e profissionalismo. Pesquisá-los e conviver com eles, torna-os sujeitos e protagonistas de uma nova história indígena.

Estou ciente da contribuição que minhas pesquisas e o LABHIN temos no contexto catarinense e sul do Brasil em relação às populações indígenas na atualidade.